UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIA, CULTURA E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

MARIA DE FÁTIMA FELIX DE LIMA SILVA

LUCE IRIGARAY E O ESPÉCULO DA OUTRA MULHER: em divergências com os filósofos e psicanalistas

JUAZEIRO DO NORTE
2026

MARIA DE FÁTIMA FELIX DE LIMA SILVA

LUCE IRIGARAY E O ESPÉCULO DA OUTRA MULHER: em divergências com os filósofos e psicanalistas

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto Interdisciplina de Sociedade, Cultura e Artes da Universidade Federal do Cariri como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Manoel Lopes

JUAZEIRO DO NORTE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

S586l Silva, Maria de Fátima Felix de Lima.
Luce Irigaray e o espéculo da outra mulher: em divergências com os filósofos e psicanalistas / Maria de Fátima Felix de Lima Silva. - 2026.
62 f.:il. 30 cm.
(Inclui bibliografia, p.61-62).

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo) – Universidade Federal do Cariri, Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes, Curso de Filosofia, Juazeiro do Norte, 2026.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Manoel Lopes.

1.Feminismo. 2. Filosofia. 3. Psicanálise. 4. Diferença sexual. 5. Subjetividade feminina. I. Lopes, Luiz Manoel - orientador. II.Título.

CDD 305.4201

Bibliotecária: Maria Eliziana Pereira de Sousa – CRB 15/564

MARIA DE FÁTIMA FELIX DE LIMA SILVA

LUCE IRIGARAY E O ESPÉCULO DA OUTRA MULHER: em divergências com os filósofos e psicanalistas

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto Interdisciplina de Sociedade, Cultura e Artes da Universidade Federal do Cariri como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Manoel Lopes

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Luiz Manoel Lopes
Universidade Federal do Cariri (UFCA)
(Orientador)

_____

Profa. Dra. Regiane Lorenzetti Collares
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

_____

Prof. Dr. Fernando Sepe Gimbo
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

JUAZEIRO DO NORTE-CE, 22 de Abril de 2026

Dedico este trabalho à toda minha família que me apoiaram durante essa jornada acadêmica. Principalmente, as minhas falecidas mães Josefa Rocha da Conceição, mãe de criação e Neusa Maria da Silva mãe biológica e também a minha falecida tia Irene Felix de Lima. Todas analfabetas e submissas aos maridos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me deu força e coragem para seguir em frente e chegar até aqui.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Luiz Manoel Lopes, pelas orientações, contribuições e acompanhamento ao longo da construção deste trabalho.

Ao meu esposo, Cicero Paulo da Silva, que sempre me deu muito apoio e incentivo para não desistir.

Aos meus filhos: Gabriel Danilo Felix da Silva, Rafael Felix da Silva e Maria Gabrielly Felix da Silva que foram sempre a minha motivação de ir à luta.

A sexualidade feminina sempre foi pensada a partir de parâmetros masculinos

Luce Irigary, gênero e performance,p,61

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar a importância da pensadora Luce Irigaray para o ensino da filosofia com foco no encobrimento em relação às filosofas que contribuíram para os aparecimentos de muitas questões reivindicada pelos movimentos feministas. A escolha da pesquisa decorre das observações feitas mediante as disciplinas de filosofia contemporânea em que vimos somente os filósofos serem estudados e nunca as pensadoras que promoveram rupturas em relação à filosofia e, também à psicanalise. Os motivos de fazer esta pesquisa são os de compreender o que Irigaray denomina de diferença sexual e subjetividade feminina.

Palavras- chaves: feminismo, filosofia, psicanálise, diferença sexual, subjetividade feminina

ABSTRACT

This final course paper aims to present the importance of the thinker Luce Irigaray for the teaching of philosophy, focusing on the concealment of female philosophers who contributed to the emergence of many issues claimed by feminist movements. The choice of research stems from observations made during contemporary philosophy courses, where we only saw male philosophers being studied and never the female thinkers who promoted ruptures in relation to philosophy and also to psychoanalysis. The reasons for conducting this research are to understand what Irigaray calls sexual difference and female subjectivity.

Keywords: feminism, philosophy, psychoanalysis, sexual difference, female subjectivity

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11

2. COMO CONHECER LUCE IRIGARAY 12

2.1 Das formalidades das representações 14

2.2 Dos detalhes das apresentações 16

2.3 Das entrevistas em 2022 19

3. DAS DIVERGENCIAS EM RELAÇÃO AOS FILÓSOFOS E PSICANALISTA 26

3.1 Em relação aos filósofos 26

3.2 Em relação aos psicanalistas 31

3.3 O intervalo em Irigaray 36

4. DA DIFERENÇA SEXUAL E DA SUBJETIVIDADE FEMININA 43

4.1 Há ou não há diferença sexual? 43

4.2 Do pensamento feminino divergente 48

4.3 Da subjetividade feminina e do ar 54

5. CONCLUSÃO 58

REFERÊNCIAS 60

1 – INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho de conclusão de curso é apresentar a pensadora contemporânea Luce Irigaray e as suas posições em relação às questões que trazem os problemas relativos à diferença sexual e a subjetividade feminina. A nossa proposta decorre de suas divergências para com os filósofos e psicanalistas contemporâneos face aos posicionamentos quanto ao papel da mulher.

O trabalho será desenvolvido em três capítulos. No primeiro, apresentaremos os percursos e trajetórias de Luce Irigaray em relação às suas formações em filosofia, linguística e em psicanalise, dando ênfase às suas divergências para com os filósofos e psicanalistas dado que a sua formação com o psicanalista francês Jacques Lacan acarretou em sua expulsão da Escola Freudiana de Paris a partir das suas críticas. As suas teses desenvolvidas no livro *Especulo da Outra Mulher* (1974), a fez perder seu cargo de professora de filosofia na Universidade de Vincennes. O segundo capitulo, trata das divergências em relação à cosmologia de Aristóteles e ao papel da mulher relacionada à matéria, principalmente no livro *Da Geração dos Animais* (sec. IV a.C.). O terceiro capítulo, tratará das discussões sobre o seu livro supracitado e as suas críticas em relação à psicanalise.

As motivações deste trabalho de conclusão de curso é assinalar a importância de dicarmos espaços para as pensadoras contemporâneas para que possamos potencializar o ensino da filosofia.

2 – COMO CONHECER LUCE IRIGARAY

As condições pelas quais entramos em contato com os mais variados estudos sobre a filosofia contemporânea nunca nos levam em direção às pensadoras. A partir desta afirmação, começaremos por nos aproximarmos da pensadora contemporânea Luce Irigaray.

Como podemos começar apresentando suas pesquisas sem antes falar das suas divergências com os filósofos e psicanalistas contemporâneos? As questões que nos propomos levantar dizem respeito às posições de Irigaray as quais remetem de modo divergentes à tradição filosófica que coloca a mulher no domínio da matéria.

As discussões em torno dos gêneros masculino e feminino possibilitam as pesquisas de Irigaray fazerem pontuações em torno do que denomina diferença sexual. As divergências em relação aos modos em que a tradição filosófica, sustentada em Aristóteles, são que não existe diferença sexual. As pesquisas de Aristóteles definiram, em seu livro *Da Geração dos Animais*, na Cultura Ocidental, o padrão que manteve a posição da fêmea como ser outro, como ser acidental, do macho. Luce Irigaray começa seu livro *Especulo da Outra Mulher* fazendo as seguintes afirmações:

> Senhoras e senhores... Ao longo dos tempos, os homens quebraram a cabeça com o enigma da feminilidade... Nem mesmo vocês, homens, escaparam desse enigma; não esperamos isso das damas aqui presentes: elas próprias são o enigma do qual falamos." É, portanto, uma questão para vocês, homens, de conversarem entre si, homens, sobre a mulher, que não pode estar interessada em ouvir ou produzir um discurso sobre o enigma, o logogrifo, que ela representa para vocês. O mistério que a mulher é, portanto, constitui o objetivo, o objeto e a aposta de um discurso masculino, de um debate entre homens que não deveria interessá-la, envolvê-la. Do qual, no final, ela não deveria saber nada. Um reconhecimento excessivamente confiante. "'Homem ou mulher'? — diz ele, dizem eles, para começar — é a primeira distinção que você faz quando encontra outro ser humano, e você está acostumado a fazer essa distinção com absoluta certeza." (IRIGARAY, 2007, p.1).

A partir desta citação, começaremos por trazer as divergências que ocasionaram expulsões as quais levaram-na a ter certo prestigio nos subsolos do pensamento contemporâneo. A sua nacionalidade não é francesa, mas sim belga; tendo sido formada em filosofia e, também feito formação em psicanalise na Escola Freudiana de Paris através da orientação de Jacques Lacan, também formou-se em linguística.

A questão entre Ser e não-ser traz um problema que assola os filósofos: como as coisas, principalmente os seres vivos passam à existência? A geração e corrupção das coisas físicas é um problema desnorteador para os filósofos. A geração dos animais traz a discussão em torno do gênero. As explicações de Aristóteles sobre os modos em que as fêmeas são

geradas contribuem para as críticas divergentes da pensadora Luce Irigaray. O processo de geração implica em movimentos, em atos, em meio a algo que ainda não possui forma. A matéria sendo informe e não possuindo ato de geração é considerada como em potência para receber a forma.

A cosmologia aristotélica reserva um lugar para a matéria como geradora de todos e quaisquer acidentes. Não é, por ventura, que a palavra latina *mater* remete ao que os vocábulos mãe, madre e maternidade significam.

As pesquisas de Irigaray a levaram as rupturas com as posições filosóficas, psicanalíticas e linguísticas elaboradas exclusivamente por homens. As exclusões das autoras femininas marcam o que Irigaray denomina como indiferença sexual, ou seja, as suas afirmações são que não existe diferença sexual absolutamente nenhuma, e nem muito menos subjetividade feminina. A sexualidade assim como a subjetividade são orientadas exclusivamente ao macho, por isto a autora admite que reformular a cosmologia deve ser compreendido como, também reformular a linguagem e a escritura para trazer à tona as singularidades que se encontram aprisionadas no padrão patriarcal ocidental.

As maneiras mais diretas de apresentarmos uma autora a qual não é estudada nos meios filosóficos seria de expor sua biografia. Os nossos modos de apresentá-la seguirão outras direções dado que seu livro Espéculo: da outra mulher começa com Freud e termina com Platão. As posições de Irigaray, quanto aos pensamentos contemporâneos, incluindo o que os filósofos, psicanalistas e linguistas elaboraram, são divergentes; por esses pensadores jamais terem levado em conta a relevância da mulher. A autora tece críticas quanto a inexistência da diferença sexual e da subjetividade própria a mulher. A inexistência da diferença sexual é constatada por ser a subjetividade contemporânea orientada ao homem, ao masculino ao macho. As maneiras habituais de apresentarmos uma pensadora geralmente são endereçadas a sua biografia. Os nossos propósitos são de assinalarmos suas divergências a partir de seu livro Especulo: da outra mulher, as proposições deste texto levarem-na a ser expulsa da Escola Freudiana de Paris e, também a perda de seu cargo de professora de Filosofia na Universidade de Vincennes. As divergências teóricas de Irigaray são constatadas neste livro em que vemos no seu começo considerações sobre Freud e seu termino em torno de Platão. Ao pesquisarmos as suas entrevistas constatamos que a autora se recusa em manter uma linearidade do texto com início, meio e fim. As recusas atestam justamente que não existe um lugar para a mulher dentro de uma subjetividade predominantemente masculina.

O que podemos extrair de suas afirmações? A subjetividade, que se encontra nas linearidades habituais do texto masculino, soa como nada mais nada menos do que o trabalho de recalcamento e censura do modo de existir e escrever femininos por parte do patriarcado.

Ao iniciar por Freud afirma que busca deixar em relevo a indiferença sexual e promover a inversão a partir das desarticulações da história. Os supostos inícios em Freud e términos em Platão suscita já estas inversões. No entanto, sublinha a autora, nos textos do meio do livro, no capítulo *Especulo, o meio*, tais inversões aparentemente não ocorrem. Portanto, trata-se de uma lógica estranha em que uma proto-subjetividade feminina começa por germinar e consequentemente a diferença sexual de uma outra mulher não submetida ao padrão masculino emerge na superfície. As desarticulações e inversões promovidas pela autora tem como foco desmontar o mundo da representação segundo princípios e causas predominantemente masculinos.

2.1 Das formalidades das representações

As maneiras habituais de apresentarmos uma autora requerem que façamos uma lista de dados coerentes em que a cronologia possa nos orientar sobre a existência intelectual da pensadora. Em meio as desarticulações e os propósitos de perturbar, alterar e provocar cuidados e falhas no sistema exclusivamente masculino. Começaremos, pois, por trazer algumas pontuações para que nosso propósito possa ser desenvolvido, uma vez que:

> Luce Irigaray é uma autora de destaque no feminismo francês contemporâneo e na filosofia continental. Ela é uma pensadora interdisciplinar que trabalha na interseção entre filosofia, psicanálise e linguística. Originalmente aluna do renomado psicanalista Jacques Lacan, a ruptura de Irigaray com Lacan em * Speculum of the Other Woman*, onde critica a exclusão das mulheres tanto da filosofia quanto da teoria psicanalítica, lhe rendeu reconhecimento como uma das principais teóricas feministas e filósofa continental. Seus textos subsequentes oferecem uma análise e crítica abrangentes da exclusão das mulheres da história da filosofia, da teoria psicanalítica e da linguística estrutural. (DONOVAN, 2025, p.1`).

Em meio ao mundo da representação em que a subjetividade masculina começa por ser perturbada, alterada e desarticulada por Luce irigaray, podemos ver a sua trajetória intelectual e os reveses contraídos nos meios acadêmicos:

> Luce Irigaray nasceu em Blaton, na fronteira entre a Bélgica e a França, no dia 3 de maio de 1930. Seu pai trabalhava em uma mina e era metade belga e metade italiano. Sua mãe, por sua vez, era “dois terços belga e um terço francesa” (Irigaray & Marder, 2016, p. 9). Luce Irigaray fez sua primeira formação acadêmica na Universidade Católica de Louvain, onde recebeu seu diploma de bacharelado em

> 1954 e, posteriormente, o de mestrado em 1956. Logo após, ela se muda para Bruxelas, onde ganha experiência como professora de escola ensinando francês, grego e latim entre 1956 e 1959. Em 1961, já residindo em Paris, ela obtém pela Sorbonne o título de mestre em Psicopatologia. Em 1964 começa seu trabalho como pesquisadora junto ao Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e em 1968 ela se torna diretora de pesquisa em Filosofia. Ainda em 1968, Irigaray obtém seu doutorado em Linguística pela Universidade de Paris Nanterre (Paris X), com uma tese intitulada Approche psycholinguistique du langage des déments [Abordagem psicolinguística da linguagem dos dementes]. (GOULART, 2023, p.1).

Os esforços em passar por vários níveis de ensino e promover a honestidade, de não fazer trapaças consigo mesma, levaram-na a expor suas insatisfações com o meio a acadêmico regido pela subjetividade masculina que somente faz o recalque e a censura promover as atmosferas fúnebres dos corredores acadêmicos:

> Ainda em 1968, Irigaray obtém seu doutorado em Linguística pela Universidade de Paris Nanterre (Paris X), com uma tese intitulada Approche psycholinguistique du langage des déments [Abordagem psicolinguística da linguagem dos dementes]. Esta tese será transformada no livro, publicado em 1973, denominado Le Langage des déments [A Linguagem dos dementes]. É importante notar que é no seio de seu estudo sobre pacientes com demência que Irigaray passa a considerar a diferença linguística notável entre a fala de homens e mulheres. Entre 1970 e 1974 ela leciona na Universidade de Vincennes, ao mesmo tempo em que, já como psicanalista, também participa como membra da École Freudienne de Paris, fundada por Jacques Lacan. Nesta época, ela também participa dos seminários de Jacques Lacan. Ainda enquanto era professora em Vincennes, ela se interessa pela análise de Antoinette Fouque, uma participante importante do Movimento de Libertação Feminina, e a convida para participar de seu seminário sobre a sexualidade feminina e a relação parental entre mãe e filha. Na década de 1970, também obtém sua segunda nacionalidade, a francesa. (GOULART,2025, p.2).

As controvérsias acadêmicas começam por surgir aos poucos quando apresenta as indicações que o Logos filosófico é nada mais da menos do que o lugar que o homem ocupa; como o princípio regulador de tudo que pode ser objeto de pesquisa. A posição da mulher é a de submissão a tais princípios. Nestes pontos, continuamos com as apresentações que nos levam a compreender a sua exclusão dos meios filosóficos e psicanalíticos.

> Em Paris VIII (Vincennes - Saint-Denis), no ano de 1974, Irigaray obtém seu segundo diploma de doutorado, desta vez, no campo da Filosofia, com a tese intitulada Speculum. La fonction de la femme dans le discours philosophique [Speculum. A função da mulher no discurso filosófico]. A tese de doutorado de 1974, orientada pelo filósofo François Châtelet e que tem como tema central o sujeito e a identidade feminina, questiona o lugar da mulher nas teorias freudianas e lacanianas. Esta segunda tese, por sua vez, é tão mal recebida por seus colegas e pares psicanalistas que se torna a razão pela qual Irigaray perde seu posto em Vincennes e deixa sua participação na École Freudienne. Na década de 1980, ela deixa a cena francesa e se envolve com o movimento feminista na Itália, que, por sua vez, tem forte relação com o Partido Comunista italiano. Cabe mencionar que, em 1995, ela volta a Paris para participar a convite da exposição J'aime à toi [Eu

> amo a ti], homônima de sua obra (1992a), no Museu de Arte Moderna de Paris. (GOULART,2025, p;2).

As formações em filosofia, linguística e psicanálise fazem de Irigaray uma pensadora que buscamos pesquisar para compreender como algumas pensadoras contemporâneas seguem suas pesquisas, tais como Judith Butler e Emanuela Bianchi elaboram trabalhos de resistências no feminismo e trans feminismo. Em termos das pensadoras que a seguem no Brasil, citamos Luana Goulart pela qual apresentamos a autora a partir de suas citações. Não podemos deixar de assinalar que existem muitos artigos, dissertações e teses no Brasil elaborados mulheres.

2.2 Dos detalhes das apresentações

Os detalhamentos das apresentações são, de certo modo, para percebermos que existe uma memória no pensamento contemporânea em que as pensadoras da década 70 não são pesquisadas, o que justifica a nossa pesquisa em termos de focar nas relações entre filosofia e psicanálise. Ao pesquisarmos os filósofos da diferença sempre recorremos a Deleuze e Derrida e nome de Irigaray não aparece principalmente pela autora focar no problema da diferença sexual. As contribuições de Luana Goulart são imprescindíveis para apresentarmos o diferencial de Luce Irigaray em relçao aos filósofos e psicanalistas contemporâneos:

> A autora continua ativa em suas pesquisas e trabalhos acadêmicos a respeito da forma de vida humana, pensada em sua relação direta com a filosofia e com a psicanálise. Through Vegetal Being: Two Philosophical Perspectives [Através do ser vegetal: duas perspectivas filosóficas], por exemplo, estabelece relações entre o material e o imaterial, com especial acento em questões concernentes à relação entre a natureza, especialmente o mundo vegetal, e a humanidade, pensada a partir e por meio do corpo e do espírito, bem como sobre o modo de outras tradições e culturas, por exemplo a hindu, de vivenciar essas relações, em particular por meio de práticas de Yoga. A coletânea Irigaray, 2022, por sua vez, organizada pela filósofa ainda mais recentemente, contém textos (incluindo alguns de sua autoria) que abordam um tema há muito caro a seu trabalho: a relação entre a suposta neutralidade de gênero envolvida na noção heideggeriana de Dasein e o modo de ser humano no mundo. (GOULART, 2025, p.2).

As relações entre filosofia e psicanalise são relevantes para pensarmos a contemporaneidade. Ao falarmos dos pensadores contemporâneos podemos dizer que Deleuze, em seu livro Lógica do sentido, na Trigésima série: Do Fantasma, faz uma citação em relação a Luce Irrigara dentro da problemática entre inconsciente e linguagem sem ao menos fazer alusão à questão da diferença sexual. Vejamos o que nos diz de modo complexo:

> Luce Irigaray, em um breve artigo, após ter marcado a relação essencial do fantasma com o verbo infinitivo, analisa exemplos de uma tal gênese: um infinitivo sendo determinado em um fantasma (assim "viver", “absorver", "dar") ela pergunta qual o tipo de conexão sujeito-objeto, o tipo de conjunção ativo-passivo, .o tipo de disjunção afirmação-negação, o tipo de temporalização de que cada um destes verbos e capaz ("viver", por exemplo, tem um sujeito, mas que não é agente e não tem objeto diferenciado). Ela pode, pois, classificar estes verbos em uma ordem que vai do menos determinado ao mais determinado, como se um infinitivo geral supostamente puro se especificasse progressivamente a partir da diferenciação das relações formais gramaticais 4. E assim que o Aion se povoa de acontecimentos ao nível das singularidades distribuídas por sobre sua linha infinitiva. Tentamos mostrar de uma maneira análoga que o verbo ia de um infinitivo puro, aberto sobre uma questão como tal, a um indicativo presente fechado sobre uma designação de estado de coisas ou casos de solução: um, abrindo e desdobrando o anel da proposição, o outro fechando-o e entre os dois todas as vocalizações, as modalizações, as temporalizações, as personalizações, com as transformações próprias a cada caso segundo um "perspectivismo" gramatical generalizado (DELEUZE, 1974, p.118).

A citação de Deleuze é muito importante por considerar que Irigaray possui pesquisas em torno da linguística com ênfases nos problemas verdadeiros, principalmente quando dos convívios com seus pacientes assolados pela demência. Não podemos deixar de assinalar que Irigaray lecionava filosofia na mesma instituição que Deleuze. Goulart continua nos fornecendo detalhes das trajetórias da autora:

> É importante notar três aspectos relevantes da trajetória da filósofa: o primeiro é que, quando da defesa de sua tese de doutorado em Filosofia, Irigaray já lecionava na Universidade de Vincennes, ou seja, ela já havia obtido algum reconhecimento no mundo acadêmico e já participava de círculos acadêmicos de prestígio — o que sugere que a má recepção da tese em questão nestes mesmos círculos e seu subsequente desligamento deles talvez tenha se devido menos à qualidade de seu trabalho do que a divergências teóricas ou ideológicas por ele suscitadas. (GOULART. 2025, p.2).

Os detalhes das discórdias, divergências e expulsões são apresentadas através destes pontos:

> O segundo ponto é que Irigaray não restringia seus estudos e pesquisas ao mundo acadêmico e teórico. Ainda que ela não tenha se vinculado de forma direta a nenhum movimento social específico, é preciso reconhecer que sua relação com o Movimento de Libertação Feminina francês e o estreitamento de sua ligação com suas lideranças têm impacto direto no seu trabalho de pesquisa. Assim sendo, observa-se que a pensadora não limitava a orientação das transformações pretendidas e requeridas por suas pesquisas apenas ao campo teórico ou abstrato, mas, antes, afetava e era afetada pelas relações políticas dentro e fora do âmbito acadêmico, pensando com ele, por ele e dentro dele, mas também com, por e dentro de outros espaços em que o patriarcalismo identificado por ela também se fazia presente. (GOULART. 2025, p. 2).

As relações entre os trabalhos de pesquisas acadêmicos em que as mulheres não são consideradas com os seus devidos valores ganham com e a partir das ativistas feministas novas linhas debates por diretos que encontram proximidades com os grupos marginalizados excluídos.

> O terceiro e não menos importante: em uma entrevista concedida na década de 1990 a Margaret Whitford, uma estudiosa do trabalho de Irigaray, a própria pensadora se mostrou explicitamente preocupada com a interferência e o impacto que o conhecimento acerca de sua biografia poderia ter sobre sua obra. Por esse motivo, ela mesma forneceu poucas informações sobre sua vida pessoal (com exceção do livro co-escrito com Michael Marder, Irigaray & Marder, 2016, no qual ela deliberadamente fala sobre alguns aspectos de sua vida, sem, entretanto, precisar muito datas e locais), tornando o trabalho de coletar, comparar e selecionar informações (muitas vezes conflitantes e imprecisas) sobre ela uma tarefa particularmente difícil. (GOULART.2025, p.2).

As posições de Irigaray são subversivas em relação aos filósofos pensam desde Platão e Aristóteles; as afirmações, tambem são subversivas em relação às afirmações de Freud sobre a mulher e ao aspecto feminino. Na contemporaneidade as críticas de Irirgaray fazem ecos e se somam com as de Judith Butler, Paul B. Preciado.

Mariana Pombo apresenta em seu artigo, do feminino como diferença à multidão de diferenças: Feminismo, Teoria queer e subversões da psicanalise, as divergências das pensadoras em relação ao que Sigmund Freud elaborou sobre as mulheres ao longo de seus textos e contextos.

> Este artigo pretende apresentar, em primeiro lugar, a teoria feminista de Luce Irigaray e, em segundo, as teorias queer de Judith Butler e de Paul B. Preciado, procurando ressaltar suas críticas à psicanálise e propostas subversivas. Parte-se da hipótese de que essas teorias, por estarem inscritas em momentos históricos diferentes (a de Irigaray, na segunda onda feminista, enquanto a de Butler e Preciado, na terceira), trazem divergências a serem exploradas, buscando-se, ainda, enfatizar como cada uma contribui no sentido de pensarmos em novas teorias e práticas em psicanálise. (Pombo, 2024, p.1).

As situações das mulheres estudantes de filosofia são aquelas em que o patriarcado exerce o seu poderio de exclusão, nas formações desde os semestres iniciais, os estudos de filosofia somente remetem à antiguidade grega e, dificilmente aparece uma mulher pensadora; s demais semestres não precisamos falar nada; ao chegarmos na filosofia contemporâneas vemos as questões em torno da subjetividade, do tempo, da linguagem e da diferença aparecerem, porém raramente encontramos estudos falando da problemática das mulheres feministas. Os estudos de filosofia da diferença raramente tocam no problema da diferença promovidos por Luce Irigaray. A autora quando apresenta os estudos em torno da diferença

sexual e da subjetividade feminina prontamente apresenta as suas divergências para com os filósofos e psicanalistas. A sexualidade para a autora sempre aparece como o continente obscuro tanto para a psicanalise quanto para a filosofia. A mulher transborda das a abordagens teóricas de campos de estudos da alma humana. Os imperativos masculinos, os princípios advindos do patriciado, das separações entre Ideia e fenômenos, essências e aparência, Forma e matéria, Ato e Potencia, Consciência e inconsciente, não deixam de manter o conservadorismo e condicionar as estudantes de filosofia no lugar em que a mulher supostamente parece não pensar filosoficamente; a mulher aparece o como o outro excluso das teorias filosóficas e psicanalíticas. Os convites de Luce Irigaray a ler e reler Platão e justamente para desconfigurar a escritura filosófica e introduzir o intervalo entre os as relações binarias.

Irigaray ao introduzir o especulo apresenta novos modos de ultrapassar as filosofias da representação que somente reconhecem o mundo as coisas, a partir das relações entre identidades e semelhanças sem se importarem coma diferença sexual. O especulo é um meio desestruturador e desarticulador. Em nossas leituras sentimos que a escrita de Irigaray promove desarticulações sobretudo quando nossas leituras tanto de Platão quanto de Freud são apenas sobrevoos. Em nossas graduações de filosofia não encontramos leituras tanto de Platão quanto de Freud que nos forneçam suportes para lermos Irigaray. Os estudos sobre o livro Especulo da outra mulher, em nosso modo de entender, ao serem inseridos na graduação em filosofia funcionaria como um meio de resistir aos conservadorismos e binarismos. As inserções destes estudos na graduação em filosofia atualizariam as virtualidades das mulheres que são silenciadas durante o curso.

Em nossos estudos, encontramos muitos artigos referentes ao trabalho de Irigaray, nos orientamos por tais artigos e entrevistas para que pudéssemos ao menos aprender algo sobre esta importante pensadora da diferença sexual e da subjetividade feminina. Neste ponto, assinalamos que as maneiras que suas leituras nos desnorteiam; a ponto de não sabermos como referendar as entrevistas dentro das normas técnicas habituais. Há sempre aprendizamos em meio às leituras de escritoras feministas subversivas.

2.3 Da entrevista em 2022

As entrevistas são inúmeras e dentre elas destacaremos aquela concedida por Luce Irigaray a Octave Larmagnac-Matheron. No teor das apresentações mais detalhadas, começaremos com as pontuações do entrevistador. Neste ponto, justificamos que nossas

pesquisas e um modo de aprender a entrar em contato como pensamento da autora. Vejamos o que o entrevistador nos concede:

Luce Irigaray, hoje com noventa e dois anos, foi, entre muitas outras coisas, uma das feministas mais influentes dos movimentos de libertação da década de 1970 – antes de ser marginalizada e, posteriormente, ostracizada da esfera intelectual francófona. O motivo foi a publicação de sua tese, *Speculum of the Other Woman * (1974), uma crítica radical ao uso do feminino na psicanálise e uma desconstrução dos próprios fundamentos de nossa cultura.

Segundo Irigaray, nossa cultura é construída em torno da ideia de um "sujeito neutro"; mas essa ideia é fictícia: a realidade é o que ela chama de "pertencimento sexual" e "diferença sexual". Isso significa que existem duas subjetividades, masculina e feminina, e também uma cultura do "entre dois"; em oposição à ideia de um sujeito humano universal que, na prática, é masculino. (Larmagnac-Matheron, 2022, p.1).

Neste tópico, apresentaremos alguns recortes em torno desta entrevista. A autora atualmente possui atualmente 96 anos e seu trabalho ganha mutações radicais, sobretudo quando fala da importância do período pós-pandêmico.

> O escândalo imediato da publicação foi proporcional ao sucesso do livro: Irigaray foi expulsa da Universidade de Vincennes e da École Freudienne de Paris. Mais tarde, foi impedida de publicar qualquer coisa. Já exilada de seu país natal, a Bélgica, e de sua família de mineiros de carvão, a jovem enfrentou rejeição intelectual em sua nova pátria. Ela e suas ideias encontraram refúgio no exterior: na Itália, onde trabalhou ao lado do Partido Comunista por anos; e nos Estados Unidos, onde se tornou uma referência fundamental para os estudos de gênero e a teoria feminista. Sua profunda convicção ecológica nasceu do "respeito pela natureza", que também está no cerne de sua abordagem diferencialista de gênero. Relutante em relembrar as controvérsias que enfrentou, ela se esforça incansavelmente para "criar algo positivo para o presente e o futuro", em vez de se deter nos aspectos negativos. Larmagnac-Matheron. 2023. p.1)

Os problemas que nos tocam como sobreviventes, da pandemia do Sarcov 2, mais conhecida como covid 19, tambem são aqueles que levaram Luce Irigaray a escrever sobre o que poderemos fazer em termos de ensino de filosofia relacionados aos desafios do século XXI.

> Seu trabalho mais recente, *A Mediação do Toque*, explora o papel do toque como mediação viva na relação consigo mesmo, com o(s) outro(s) e com o mundo. Desenvolve a ideia de que o toque implica comunhão com outros seres vivos, em vez de apropriação deles como quase-objetos; e sugere que o toque pode assegurar

uma mediação sensível entre indivíduos em uma cultura de diferenças transcendentais. (Larmagnac-Matheron, 2023, p.2)

As nossas pesquisas em direção ao pensamento de Luce Irigaray, para que possamos ter a experiência de compreendermos a sua importância para o que desenvolveu em torno da diferença sexual e da subjetividade feminina, nos direcionam em recorremos aos recortes da entrevista supracitada. Os recortes nos permitem acompanhar as fases e mutações de seu pensamento. Vejamos tais pontos iniciais:

Como você encarou a crise da Covid?

Como me escreveu um jovem pesquisador que participou do meu seminário de pós-graduação durante a primeira quarentena: “os dois temas centrais do seu pensamento, a respiração e o toque, são agora questões centrais”. É lamentável que isso se dê por razões negativas, e não positivas. Seria preferível pensar na prática da respiração como uma cultura da vida, no ar como aquilo que une todos os seres vivos e no toque como o primeiro e mais fundamental meio de comunicação e comunhão entre nós [em vez de coisas a serem temidas]. (Larmagnac-Matheron, 2023, p.3).

Por que nós, no Ocidente, esquecemos a importância do ar?

O ar é absolutamente irredutível, mas nossa lógica não consegue lidar com esse tipo de realidade fundamental. O ar é o elemento mais essencial à vida. Infelizmente, nossa cultura considera comer, e não respirar, como aquilo que torna nossa existência possível; e enquanto os materialistas concentram sua atenção na necessidade de comer e no dinheiro que isso exige, preocupam-se muito pouco com a necessidade de respirar, que é ainda mais fundamental e, de certa forma, gratuita.

Qual é o ponto de partida para o nosso esquecimento do ar?

A tragédia Antígona , de Sófocles (c. 441 a.C.), marca a passagem de uma época em que os humanos apenas habitavam o cosmos para uma era em que o próprio mundo é construído pelo homem. É também a preocupação de Antígona com a pureza do ar que a leva a enterrar seu irmão, desafiando a proibição do rei Creonte; e é privando-a de ar – aprisionando-a em uma caverna – que Creonte a condena à morte.

Escrevi sobre Antígona em Speculum porque os princípios que ela defende com a própria vida — o respeito pela natureza, pelas genealogias matrilineares e pela diferença sexual — estão no cerne das preocupações do nosso tempo. Contudo, quem entre os nossos contemporâneos realmente compreende o significado desses

imperativos? Não estará o homem ainda a esforçar-se por apropriar-se das leis naturais, em vez de se questionar sobre como respeitá-las e desenvolver-se em conformidade com a sua natureza? Agindo assim, permitir-lhe-ia utilizar o sopro de que a sua alma necessita para ser alma de um corpo, como na conceção aristotélica da alma — uma alma feita de sopro e tato.

Será que o desejo de dominar a natureza se manifesta através do logos ?

O logos , ou a lógica que subjaz ao discurso, é o instrumento através do qual nossa tradição ocidental tentou apropriar-se e governar o real. Mas esse discurso racional não consegue dar expressão ao vivo, porque as palavras o fixam e a vida só existe pelo devir. O gesto mais elementar da vida, a respiração, não pode ser reduzido ao discurso. No entanto, existem certos usos da linguagem que estão mais em consonância com uma cultura da respiração, como o canto e a poesia. Mestres de ioga me ensinaram, especialmente durante um período de aprendizado na Índia, a importância do canto, que no Ocidente é muitas vezes escravizado pelo discurso.

Além disso, escrevo um poema por dia, como uma espécie de oração diária – Orações Diárias (2004) é o título do meu primeiro livro de poesia. Nele, dou pouca atenção à forma e tento, em vez disso, expressar a experiência em íntima conexão com a vida vivida, deixando que minha carne descubra as palavras apropriadas sem submetê-las à arbitrariedade do meu julgamento. Este é um retorno à fala original, antes que a fala se integre à totalidade do discurso.

Será que esse discurso preserva o silêncio?

Em Compartilhando o Mundo (2008), escrevo que o silêncio é o limiar a partir do qual se pode acolher e escutar o outro como outro. Esse silêncio é necessário para respeitar os horizontes de cada um dos dois mundos. E, como menciono em Entre Oriente e Ocidente (1999), o objetivo final para um ocidental seria o domínio de todo discurso (como Hegel busca); enquanto para Buda, a meta é alcançar o silêncio. As culturas orientais geralmente

Será que respirar nos ensina a viver em harmonia com os outros?

A respiração é, antes de tudo, a condição para nossa autonomia e individuação: nascer é respirar por si mesmo. A respiração é também o que nos une universalmente a outros seres vivos. Assim, a respiração é simultaneamente o que nos separa e nos une ao mundo e ao(s) outro(s). A prática diária de yoga me ensinou como um exercício consciente da respiração contribui para nos libertar da paralisia

física, mas também da mental, ao reabrir o círculo de hábitos, certezas e bloqueios. Permite-nos descobrir o que é uma integridade corporal e espiritual, que nos torna capazes de reconhecer e acolher o outro como outro, sem projetar nele nossos próprios problemas e, portanto, sem sobrecarregar ou contaminar nossa relação.

Essa posição radical sobre a diferença foi a causa de sua expulsão dos círculos intelectuais franceses após a publicação de Speculum ?

Eu não esperava nem tamanho sucesso nem tanta repressão. Felizmente, as reações não foram exclusivamente negativas. Além das vendas incríveis do livro, muitas mulheres entraram em contato comigo para agradecer por tê-lo escrito. Cabe a mim explicar o que motivou a violência das exclusões? Não há dúvida de que minha posição desafia os fundamentos da nossa cultura, em particular por defender um retorno à natureza que antecede a elaboração da lógica binária pelos filósofos pré-socráticos. Meu pensamento questiona a priorização do "igual" em detrimento da existência da diferença – a começar pelas diferenças que existem entre os seres vivos.

O que você achou da exclusão?

Fui imediatamente bem recebida no exterior, principalmente na Itália. Lá, trabalhei bastante com mulheres de movimentos políticos independentes, mas também com mulheres do Partido Comunista Italiano. Cheguei até a discursar no último Congresso do Partido. Depois, colaborei com um dos membros do partido, Renzo Imbeni, principalmente no Parlamento Europeu. Juntos, escrevemos o relatório sobre cidadania da UE, no qual reivindicamos direitos para mulheres, crianças e estrangeiros. Também fui convidada por diversas universidades estrangeiras, na Europa, nos EUA, no Canadá, para dar palestras e organizar seminários.

Será que essa diferença biológica implica concepções diferentes do mundo?

Nossa lógica tradicional privilegiou o 'um', o visível, o sólido, o substancial e o exterior – tantas qualidades que se relacionam ao sexo masculino. Negligenciou, senão desprezou, as qualidades do sexo feminino, que têm mais a ver com o tato, com o fluido, o invisível, o interior, o íntimo, a comunhão entre dois – tantas qualidades pelas quais os homens sentem atração e repulsa. Eles têm fascínio pelo 'Mito da Caverna' de Platão, que privilegia a visão, enquanto as mulheres aspiram a um transcendental sensível que o tato lhes permite alcançar.

Será que as mulheres estão menos afastadas do mistério das origens?

A mulher está mais familiarizada com a natureza de nossa origem. Nossa tradição cultural tenta salvaguardar o privilégio do individual e do Uno, fazendo do corpo da mulher um receptáculo para a semente masculina. Supostamente, nascemos, biologicamente, do espermatozoide e, espiritualmente, de um logos masculino, que é imposto ao corpo feminino. Assim, privada de seu próprio potencial germinal, a mulher é valorizada como corpo e terra nutridora, mas o potencial gerador dos cromossomos femininos não é reconhecido. Contudo, o fato de uma criança se assemelhar ao pai e à mãe prova que esse potencial é real.

É necessário reconhecer as diferenças sexuais para que uma sociedade pacífica seja possível?

A sexuação contribui para a nossa individuação, como observou o filósofo Gilbert Simondon em L'Individuation psychique et collective (1989); mas também é necessária para a formação da sociedade. De fato, a sexuação não pode ser plenamente realizada apenas no nível individual, pois envolve o eu em sua relação com o outro. A sexuação, portanto, fornece à comunidade um elo vivo entre os indivíduos. Mas um indivíduo neutro é privado de identidade pessoal. Assim, os indivíduos são reunidos por imperativos externos: costumes, doutrinas, ideologias ou decretos de mestres mais ou menos autoritários. O que pode nos libertar de tais imperativos é o potencial dinâmico, o desejo, que nos anima e nos impulsiona a unir. Isso não é uma questão de sexualidade em sentido estrito, mas de elementos sensíveis, relacionais e emocionais ligados à nossa sexuação. Esse potencial surge da diferença, e não da semelhança.

Você então incentiva uma sociedade de 'coexistência na diferença'?

Para que a diferença se concretize, é necessário que existam direitos que reconheçam e protejam as respectivas identidades. Por isso, lutei durante muito tempo, tanto teórica quanto politicamente, pela conquista dos direitos sexuais. Nossa legislação, que se preocupa principalmente com a propriedade e os bens (aos quais mulheres e crianças são assimiladas pela tradição patriarcal), deve ser substituída ou complementada por uma legislação que privilegie os seres em sua singularidade e o respeito entre os diferentes seres.

Existe uma cultura feminina, ou ela deveria ser inventada?

As mulheres já possuem uma linguagem específica, como demonstram as inúmeras análises de dados linguísticos de gênero misto que realizei individualmente ou em

colaboração com outros, notadamente em Sexes et genres à travers les langues (1990). Nessas análises, observa-se uma clara especificidade sexual no uso da sintaxe, bem como diferenças na relação com o tempo e o espaço. É necessário que nossos sistemas educacionais e nossas normas socioculturais reconheçam e incentivem essas diferenças, como forma de promover a coordenação em vez da subordinação entre cidadãos de diferentes sexos.

Como a diferença sexual se relaciona com outras diferenças?

Como explica Simondon, as outras diferenças decorrem de um processo de individualização , que é mais superficial do que o processo de individuação , que, em contraste, é mais universal, original e fundamental. O caráter universal da diferença sexual (embora essa universalidade seja pelo menos dupla) permite a coexistência de outras diferenças, que muitas vezes derivam da diferença sexual. De fato, alguns etnólogos demonstraram como a sociedade se estrutura a partir de laços familiares ou alianças entre os sexos.

Diz-se que nossa era é individualista ou comunitária. Por quê?

As duas tendências são sintomas de questões não resolvidas em nossas relações com a alteridade. Como no final do século XIX, o outro ainda é concebido com muita frequência por comparação com um sujeito único que funciona como norma: a criança, o louco, o estrangeiro, etc. Nesse caso, não há relação com o outro enquanto outro, nem é possível qualquer reciprocidade. A diferença da qual falo não é comparativa nem hierárquica. No entanto, a mulher tem sido, e ainda é com muita frequência, definida como uma espécie de "negativo" do homem. A lógica binária que domina nosso modo de pensar nos leva a confundir diferença com oposição.

3. DAS DIVERGENCIAS EM RELAÇAO AOS FILOSOFOS E PSICANALISTAS

3.1 Em relação aos filósofos

As divergências de Luce Irigaray para com os filósofos dizem respeito à posição da mulher na cosmologia, principalmente a aristotélica pela qual a mulher é igualada à matéria. As considerações do Estagirita sobre os quatro tipos de causas, material, formal, eficiente e final, situam a mulher como sendo o lugar dos acidentes. Neste sentido, Irigaray propõem uma mudança na cosmologia e, também nos modos de dizermos as relações entre os corpos

das mulheres e as demais coisas do mundo. A sua posição é apresentar um deslocamento da relação hilemórfica, introduzindo um intervalo entre a matéria e a forma.

O presente tópico envolve as pesquisas e estudos em torno da posição da mulher no Cosmos. Não é difícil encontrarmos pensadores, a partir de uma subjetividade exclusivamente masculina, ao afirmar que o homem está no mundo, é um ser no mundo, um ser com o mundo. Porem nunca se trata de articular as discussões de modo não generalizado a fim de situá-la não apenas no mundo; mas, em tratá-la desde a cosmologia. A partir das perspectivas de Luce Irigaray mediante o que denomina de intervalo entre a matéria e a forma começaremos por apresentar as exposições em torno da cosmologia pensada na filosofia antiga, as quais se encontram em pleno vigor no patriarcado ocidental. Irigaray elaborou uma modalidade de escritura que promove desarticulações nas cosmologias, na linguagem e, sobretudo na temporalidade. As suas posições divergentes das afirmações principalmente de Freud em relação a mulher contribuíram para o que se denominou feminismo psicanalítico. No campo, filosófico vemos que as leituras de Platão que aparecem em suas críticas a partir do modo como os prisioneiros da caverna são equiparados ao próprio não-ser, e por este viés a pensadora apresenta as suas divergências tanto para com os seus respectivos mestres, em psicanalise e filosofia: Freud, Lacan e Platão.

Luce Irigaray pensa, em seu livro Especulo da outra mulher, a alegoria da caverna de Platão fazendo aproximações com a histeria no sentido deste recinto ter proximidades com o útero. As suas contribuições para que possamos compreender a importância das relações entre filosofia e psicanalise, entre consciência e inconsciente, nos levam para os detalhes em que suas pesquisas assinalam os lugares em que a mulher é colocada. As nossas leituras de Irigaray nos afetaram de modo a não seguirmos cronologias e linearidades nos percursos de escrita. Portanto, começamos a falar da cosmologia em Aristóteles e prosseguiremos de modo enviesado colocando questões de Platão em relação a alegoria da caverna no livro A Republica e aspectos cosmológicos no Timeu.

Os estudos em torno de Platão habitualmente nos levam a considerar que a saída da caverna é o percurso em que começamos a sair das aparências que nos envolvem para as essências que as fundamentam. As leituras de Irigaray questionam como não existem explicações deste percurso em relação aos prisioneiros da caverna. Não existem indícios se são homens ou mulheres. Os seus posicionamentos requerem por parte dos seus leitores muitos retornos ao texto de Platão. Nas sequências apresentaremos citações sobre o que denomina no capitulo Hysteria de Platão seu livro supracitado:

> Como exemplo, ou de forma exemplar, poderíamos começar novamente pelo mito da caverna. Lendo-o, desta vez, como uma metáfora —estritamente impossível, como veremos inscrita no texto — da caverna, da matriz ou da hystera, ou ainda: da terra. Uma tentativa de traduzir em metáfora, um processo de desvio que tacitamente comanda toda a metafísica ocidental, mas que, mais explicitamente, o declara ao anunciar sua conclusão, sua interpretação. (IRIGARAY, 2007, p. 219).

Elisa Seixas em seu artigo *No início, um lugar em forma de caverna ou de útero*, apresenta importantes considerações em torno das leituras de Luce Irigaray em torno da alegoria da caverna que encontramos no livro VII da República de Platão.

> "Plato's Hystera", assim se chama o ensaio, propõe-nos um outro olhar sobre a Caverna de Platão, elemento fundamental da alegoria que fecha A República, obra fundacional da ocidentalidade filosófica. Julgo que a maior parte das pessoas aqui presentes está familiarizada com esta alegoria, pelo que dispenso-me de a apresentar, exceto se alguém puser a mão no ar como sinal de que precisa de mais explicações. Prossigo então. (SEIXAS, 2019. p.2).

As citações que apresentamos a partir de Elisa Seixas dizem respeito ao que podemos extrair das considerações sobre Platão tanto no livro VII da Republica quanto no Timeu. A partir dos significados em torno da caverna, como abrigo, refugio, morada sem luminosidade, a nossa autora apresenta suas divergências aos aspectos histéricos. Vejamos as pesquisas de Elisa Seixas mediante alguns de seus excertos:

> Não é por acaso que Irigaray intitula este ensaio de «Plato's hysteria». Histeria deriva da palavra grega histera, que significa matriz e útero. A documentação sobre a histeria remonta à Antiguidade, nomeadamente a Hipócrates, que a identifica como sendo uma doença orgânica de origem uterina, portanto especificamente feminina, com "a particularidade de afectar o corpo na sua totalidade, por 'sufocações da matriz'. No Timeu, Platão retomou a tese hipocrática, sublinhando que a mulher, ao contrário do homem, trazia no seu seio um 'animal sem alma'. (SEIXAS, 2019, p.2).

As indicações de Elisa Sexas sobre a importância do Timeu de Platão em torno da ausência da alma na mulher e de suma importância para pensarmos de como ensino da filosofia no século XXI requer atenção ao problema da diferença sexual e da subjetividade feminina:

> Eis o que iremos dizer. Entre os que foram gerados machos, todos os que são cobardes e levaram a vida de forma injusta, de acordo com o discurso verosímil, renascem mulheres na segunda geração. Por esse motivo e nessa altura, os deuses conceberam o desejo da copulação, constituindo dentro de nós e dentro das mulheres um ser vivo animado, e criaram cada um deles do seguinte modo. A via de saída da bebida, onde o líquido chega depois passar pelo pulmão e pelos rins até à bexiga, que, ao ser pressionado pelo sopro respiratório, ela recebe e expele, juntaram-na, por meio de uma perfuração, à medula – a que nos discursos anteriores chamámos que da cabeça desce até ao pescoço e passa pela espinha. A medula, que é dotada de

> alma e recebe respiração, ao criar no órgão por onde se ventila um apetite vital de ejaculação, engendra o desejo amoroso criador (Platão, Timeu, 91 a).

A citação que apresentamos em torno do Timeu é para dar suporte ao que Irigaray nos oferece em suas leituras da alegoria da caverna. Vejamos o que Platão nos diz no Timeu:

> É por isso que a natureza das partes íntimas dos homens é desobediente e autónoma, semelhante a um ser-vivo desobediente da razão, e empreende dominá-lo por meio destes apetites acutilantes. Pelas mesmas razões, aquilo a que nas mulheres se chama "matriz" ou "útero", um ser-vivo ávido de criação, quando está infrutífero durante muito tempo além da época, torna-se irritado – um estado em que sofre terrivelmente. Em virtude de vaguear por todo o lado no corpo e bloquear as vias de saída do sopro respiratório, não o deixando respirar, atira-o para extremas dificuldades e provoca-lhe outras doenças de toda a espécie até que o apetite e o desejo amoroso de cada um deles se reúnam para colherem o fruto, como de uma árvore, e semearem na matriz, como num campo lavrado, os seres-vivos invisíveis (por causa da sua extrema pequenez) e ainda informes, os quais depois separam e alimentam dentro de si, tornando-os grandes; depois disto, dão-nos à luz e completam a geração dos seres-vivos. (Platão, Timeu, 91 b-d).

Irigaray em seu livro Especulo da outra mulher incrementa as suas considerações sobre o que ocorre na interpretação de Platão sobre a alegoria da caverna:

> O truque está na inversão. Comecemos, portanto, novamente pela leitura do mito da caverna. Sócrates conta que alguns homens — hoi anthropoi, o sexo não é especificado — vivem no subsolo, em uma morada com a forma de uma caverna. Terra, morada, caverna e, alternativamente, forma, podem ser lidas como expressões quase equivalentes a hystera. A referência também poderia se aplicar a habitar, permanecer por um certo tempo, ou talvez para sempre, no mesmo lugar, a permanecer no mesmo habitat. Existem homens — de sexo não especificado — que permanecem no mesmo lugar. Ao mesmo tempo, no mesmo lugar. Um lugar que tem a forma de uma caverna ou de um útero. A entrada dessa caverna é constituída por uma longa passagem (corredor, gargalo, conduto) que leva para cima, em direção à luz do dia, em direção a ver a luz, e toda a caverna se concentra na direção desse conduto. Desde o início, essa direção ascendente nos indica que a caverna de Platão funciona como uma tentativa de reprodução, representação, orientação da existência eterna da caverna. (IRIGARAY, 2007, p.219).

Elisa Seixas nos oferece suportes para compreendermos o significado de caverna através da história:

> Na Idade Média está concepção de histeria acabou por se materializar como sendo resultante da intervenção do demónio e passou a ser associada à feitiçaria. A partir do século XVIII, voltou a despertar o interesse médico e começou a ser associada às emoções e os "humores" (ainda com origem no útero). Um útero que se desloca do seu sítio e provoca a aproximação do abismo. (Seixas, 2019, p.3)

As considerações de Platão e Freud em torno da hysteria a partir dos estudos de Irigaray são relevantes para o ensino da filosofia contemporânea e suas relações com a psicanalise:

> A histeria como doença tem especial relevância no movimento psicanalítico, nomeadamente na conceção de inconsciente, isto é, qualquer representação que permanece inacessível à consciência. É, neste contexto, considerada uma neurose resultante de um conflito psíquico inconsciente (de cariz sexual) que se manifesta através de sintomatologia corporal e comportamental sem que uma causa fisiológica o justifique. (Seixas, 2019, p.3).

Os estudos iniciais de Freud foram provocados pelo fenômeno da histeria, assim consideramos que a filosofia buscando a verdade partir da razão ganha um caminho em busca-la, também do inconsciente:

> A histeria é, portanto, desde sempre, um conceito por norma associado à identidade feminina, a um útero errante, desobediente, desafiador, que arranca à sua portadora um comportamento, um desvio à norma, ao espectável, ao desejável. É este útero, esta caverna feminina que Irigaray vai assumir na leitura dos textos fundadores, como é o caso da Alegoria da Caverna. (Seixas, 2029, p.3)

As citações de Seixas explicam de maneira a adequada ao que Irigaray apresenta quando escreve sobre Platão no último capítulo do seu livro Especulo da outra mulher. As considerações de Irigaray sobre este recinto e as descrições feitas por Platão.

> Orientação baseada em inversões precisas, ou rotações, em torno de eixos de simetria. De baixo para cima, de cima para baixo, de trás para a frente, de trás para a frente, mas também da frente ou de trás para o que se encontra, na caverna, atrás de você. A intervenção decisiva da simetria — projeção, reflexão, inversão, retroversão... — desorienta-o assim que se põe os pés nesta caverna, deixando-o tonto, até mesmo fazendo-o andar de cabeça para baixo, sem que Sócrates, é claro, tenha dirigido uma palavra sequer a essa mistificação. O artifício teatral é necessário para a sua entrada no funcionamento da representação. (IRIGARAY), 2007, p.219).

A nossa pesquisa em torno desta autora nos faz compreender como é importante estudar filosofia e relacioná-la aos problemas enfrentados pelas mulheres no cotidiano machista e patriarcal. A importância de estudarmos Irigaray a partir das suas maneiras pensar a alegoria da caverna em Platão relacionada ao problema da histeria, também nos permite tratar das suas divergências para os psicanalistas.

Elisa Seixas de modo preciso nos possibilita dissipar nossas incompreensões sobre o significado para os povos em tempos remotos. Vamos acompanhar suas pontuações:

> Este é um texto que rompe violentamente com a tradição filosófica e psicanalítica, oferecendo um outro olhar sobre os textos fundadores do pensamento ocidental, olhar esse que lhe mereceu o desamor de uma certa comunidade filosófica e psicanalítica. Primeiro: Irigaray identifica Platão como sendo o primeiro matricida que moldou o pensamento, linguagem e discurso da ocidentalidade filosófica. Segundo Irigaray é ele que, com a sua alegoria sobre o percurso da racionalidade até à verdade, silencia o princípio feminino nesse processo. (Seixas, 2019, p.3)

Os modos em que a nossas subjetividades são construídas durante o curso de filosofia nos condena a invisibilidades das mulheres e, também as suas castrações continuadas e silenciamentos semestrais. Os problemas que não vimos em Platão e provavelmente nem veremos durante as nossas formações em filosofia, são aqui apresentados nas linhas escritas por Irigaray e pelas pensadoras que com possuem proximidades com os seus livros e artigos.

> A caverna, "arquétipo do útero materno, […] [que] figura nos mitos de origem, de renascimento e de iniciação de muitos povos", com Platão torna-se um espaço condenado de onde é preciso sair a fim de se escapar à aparência, ao engano, uma evasão necessária imperativa na medida em que conduzirá à verdade radiosa que está lá, fora da caverna, do útero, límpida, iluminada. (Seixas, 2019, p.3).

No caso filosófico, não somente o mestre será criticado, mas sobretudo o discípulo: Aristóteles. No nosso propósito de acompanhar Irigaray em suas divergências queremos sublinhar os estudos que Emanuela Bianchi faz da cosmologia de Aristóteles fortemente inspirada em suas leituras da autora do Espéculo da outra mulher.

Emanuela Bianchi, em seu livro O Sintoma Feminino - Matéria Aleatória no Cosmos Aristotélico, expõe considerações sobre o lugar que a mulher possui na cosmologia do filósofo de Estagira. As relações entre matéria e forma fazem parte da teoria de Aristóteles que aparece em seu livro A Geração dos Animais. As relações entre matéria e forma assim como entre ato e potência são estudadas pela autora para discernir os percursos em que a estrutura da realidade é encaminhada para a preeminência masculina. A posição da mulher na cosmologia aristotélica e situada como é a matéria. A configuração do mundo, a partir do que a tradição filosófica ocidental impôs, foi dividida em mundo supralunar e sublunar.

> A noção de telos — o fim, ou "em prol do qual" as coisas existem ou acontecem — é uma pedra angular notoriamente intratável na arquitetura da metafísica e da ciência ocidentais. Originária do sistema filosófico de Aristóteles, ela estrutura a natureza e a ação humana: por meio do telos elas são, em última análise, compreendidas, e pelo telos elas são, em última análise, causadas. O telos aristotélico, o bem ou o que é melhor (to bention), portanto, domina e fornece a justificativa para um sistema cosmológico rigorosamente hierárquico que abrange o mundo físico, o mundo biológico e o mundo humano da ética e da política. A diferença sexual e os

> fenômenos da reprodução sexuada revelam-se questões decisivas para a teleologia aristotélica. (Bianchi, 2014, p.2).

A citação é exemplar por possibilitar os encaminhamentos para as afirmações de Irigaray em que não existe diferença sexual. O sistema patriarcal vem sendo fundado através das pesquisas cosmológicas, epistemológicas e ontológicas as quais culminaram nas relações entre ética e política. O puritanismo em retirar todos os aspectos materiais que nada mais são do que empecilhos e causadores dos desvios de acessos respectivamente à verdadeira moral. A nossa pesquisa ressalta a importância de Luce Irigaray para o ensino da filosofa, sobretudo desde o ensino médio.

Irirgaray busca, mediante a posição aristotélica, instaurar um intervalo entre a matéria forma afirmando que a outra mulher, que não ó segundo sexo, mas àquela que está sendo produzidas em meio as contingências e vicissitudes contra patriarcais e desde estes pontos promovem escrituras disruptivas entre o conteúdo e a expressão. Vejamos o que nos diz Bianchi

> Os processos teleológicos são, afinal, dados de forma mais autoevidente nos fenômenos biológicos e são encontrados no nível de órgãos e comportamentos, bem como nos organismos como um todo, que são facilmente compreendidos funcionalmente como visando a determinados fins. E as investigações biológicas de Aristóteles abrangem numerosos volumes, compreendendo cerca de um quarto de seu corpus existente. (Bianchi, 2014, p.2).

O filosofo ao promover classificações dos seres vivos e o mesmo desclassifica a mulher de modo sutilmente cosmológico. As relações entre matéria e forma acabam por configurar o macho como princípio ativo de geração a mulher como matéria passiva pronta para receber a informação.

3.2 Em relação aos psicanalistas

Freud apresentou em1933, a Conferencia XXXIII, cujo título e Feminilidade, a qual causou vários desdobramentos a ponto de encontramos na obra de Luce Irigaray muitas e variadas divergências ao modo da mulher ser descrita pelo médico neurologista e psicanalista. A exposição de Freud não fala de um enigma do mundo como faz o filosofo Schopenhauer. Mas sim apresentando mulher como trazendo como um enigma da Natureza. De inicio,

começaremos apresentando excertos de Freud para entramos nas divergências de Irigaray em relação aos psicanalistas:

> A conferência de hoje também não deveria caber numa introdução; pode, contudo, servir para ilustrar-lhes uma parte detalhada do trabalho analítico, e posso dizer duas coisas para recomendá-la. Ela não nos apresenta senão fatos observados, quase sem qualquer acréscimo teórico, e trata de um assunto que, quase mais do que qualquer outro, faz jus ao interesse dos senhores. Através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade. (Freud, 1999, p. 76).

A exposição inicial de Luce Irigaray sobre Freud e construída com muita proximidade com as primeiras palavras da Conferencia XXXIII.

> E nem os senhores escaparam de se preocupar com esse problema - aqueles dentre os senhores que são homens; a quem, dentre os senhores, é mulher, isto não se aplica - as senhoras mesmas constituem o problema. Quando encontram um ser humano, a primeira distinção que fazem é 'homem ou mulher?' e os senhores estão habituados a fazer essa distinção com certeza total. A ciência anatômica compartilha dessa certeza dos senhores num ponto, não mais que isto. O produto sexual masculino, o espermatozóide, e seu veículo são masculinos; o óvulo e o organismo que o abriga são femininos. Em ambos os sexos, formaram-se órgãos que servem exclusivamente às funções sexuais; provavelmente desenvolveram-se da mesma disposição [inata]em duas formas diferentes. Ademais disso, em ambos os sexos os outros órgãos, as formas e tecidos corporais mostram a influência do sexo do indivíduo, mas isto é inconstante, sua quantidade é variável; são aquilo que se conhece como características sexuais secundárias. (Freud, 1999, p. 76).

Irigaray ao pensar a diferença sexual e a subjetividade começa o seu livro Especulo da outra mulher apresentando Freud de uma maneira que não é fácil de acompanhar. Os nossos passos tentam encontrar os modos de compreender o que Freud pensa em relação a mulher como possuindo um tipo de inveja do corpo do homem. As relações entre a menina e o pai como sendo mais relevante do que com a mãe, nos deixam com muitas dúvidas de onde este pensador tirou estas ideias. As relações das mulheres com os demais seres do mundo não aparece. As mulheres gostam de flores, de plantasm, de animas, de suas filhas, de seus filhos, de seus parentes, de seus amigos. As relações da menina com o mundo fora da casa, fora da escola, não aparecem nas análises de Freud. Como entender a vida de uma mulher sem o mundo ao seu redor? As indicações de Irigaray ao trazer o Especulo, em nosso modo de compreender retrata o modelo patriarcal em que o macho é o padrão. O patriarcado é a propagação deste modelo. Irigaray faz críticas ao falocentrismo, ao falogocentrismo, o princípio gerador que informa a matéria.

As relações entre os grupos genéricos femininos e masculinos aparecem tanto nas obras de psicanalistas quanto de filósofos como extremamente problemáticas. Ao afirmarmos

os campos de problemas encontramos sempre o mesmo sentido tanto nos psicanalistas quando nos filósofos como um tipo de preconceito em relação as mulheres. Nas pesquisas acadêmicas encontradas nas maiorias das disciplinas cursadas em nossa formação em filosofia percebermos que o lugar da mulher é inexistente. O lugar da mulher e sempre visto como um não-lugar no sentido de impedi-la de ser vista e também de dizer a partir de sua existência. A mulher enquanto mulher nunca pode ser vista, somente serve para dá sentido à reprodução de filiação. O lugar da mulher aparece sobretudo quando se trata de histeria, o seu corpo e o seu útero; o não-lugar onde vidas são carregadas e desejos são abortados. A histeria apareceria como aquele desejo que jamais pode ser realizado devido às proibições sociais.

Os estudos de Freud sobre a Histeria trazem estes componentes machistas e patriarcais. As citações de Irigaray acentuam tais aspectos:

> Um Resíduo: Histeria. De fato, a menina não se refugia na escolha da melancolia, pelo menos não normalmente. Certamente porque se encontra com pouquíssimas reservas de narcisismo, demasiadamente debilitada para desenvolver tal estrutura defensiva contra a ansiedade e a "catástrofe" da castração consumada. A economia do narcisismo feminino, a fragilidade do ego da menina, da mulher, tornam quase impossível a constituição, ao menos dominante e estável, de tal síndrome. Não obstante, a sexualidade do "continente negro" apresenta-se com inúmeros sintomas. Mas estes são dissociados, em vez de organizados num quadro coerente e permanente. A incapacidade de simbolizar o seu desejo original, a sua relação com a mãe e a sua libido, funciona como um lembrete constante de regressões polimórficas (melancólica, maníaca, esquizofrênica, paranoica). Como um buraco — aqui vemos como esta figura é eficaz, com os seus efeitos fóbicos, também sentidos pelos homens — na elaboração de processos imaginários e simbólicos. (Irigaray, 2007. p.13).

Em decorrência das citações, começamos a compreender como as mulheres pensadoras tratem de questões que nunca tínhamos sequer notado, por isto mesmo continuamos a ler os artigos referentes a sua obra para sentirmos os problemas verdadeiros quando uma mulher decide estudar a sua posição no mundo e na sociedade.

Não que lhes falte um certo significante capital, pois este lhes é imposto, mas é difícil, senão impossível, para elas acessarem uma economia significativa, a cunhagem de significantes e sua troca, porque, como sujeitos, não participam do estabelecimento de medidas e valores. Elas os assumem sem poder marcá-los ou imprimi-los com sua própria marca. Assim, permanecem em uma falta, em um vazio que é "psicótico", em certo sentido: “uma psicose latente que não pode ser realizada devido à falta de um sistema viável de significantes.” (Irigaray, 2007. p.13).

Luce Irigaray por possuir domínios de vários assuntos relacionados à filosofia, psicanálise e linguística nos provoca a ter que estuda-la cada vez mais, a partir destas

dificuldades sempre buscamos as devidas orientações com as pesquisadoras possuem proximidades com os temas tratados por Irirgaray. Neste ponto do nosso trabalho vamos nos orientarmos da seguinte maneira:

> Este artigo discutirá o feminismo psicanalítico, e não a psicanálise feminista (ou seja, exceto indiretamente, não abordará ideias sobre o desenvolvimento de princípios feministas na prática clínica, embora a maioria dos autores discutidos abaixo sejam psicanalistas formados). A psicanálise desenvolve uma teoria do inconsciente que vincula sexualidade e subjetividade de forma inextricável. Ao fazê-lo, revela as maneiras pelas quais nosso senso de identidade, nossas lealdades e vínculos políticos são influenciados por impulsos inconscientes e ordenados por estruturas simbólicas que estão além do alcance da ação individual. (Zakin & Leeb,2011, p.1).

Os auxílios de Emily Zarkin e Claudia Leeb são pode muitos proveitos por nos fazer entender que compreender que as demandas de mulheres na filosofia são derivadas daquelas reivindicadas pelas psicanalitas feminsitas. Vejamos a seguinte formulação:

> Pode parecer, à primeira vista, que qualquer aliança entre feminismo e psicanálise teria que ser coordenada em terreno traiçoeiro: na palestra de Sigmund Freud sobre "Feminilidade", por exemplo, ao discutir o "enigma da feminilidade" (Freud 1968 [1933], 116) ou da diferenciação sexual, a retórica de Freud acusa as mulheres de serem "o problema" (113) e exime os membros de sua plateia dessa acusação, oferecendo a esperança de que sejam "mais masculinos do que femininos" (117). Muitas feministas têm se mostrado cautelosas tanto com os vieses contidos na oratória de Freud quanto com o conteúdo explícito de suas afirmações. Este artigo explicará como e por que a teoria feminista, apesar disso, empreendeu uma leitura séria de Freud e desenvolveu análises cuidadosas de seus conceitos fundamentais, delineando seus limites, impasses e possibilidades (Leeb, Claudia and Emily Zakin, 2019, p.1).

O que é a mulher para os filósofos e psicanalistas? As suas descrições ano são diferentes, mas sim semelhantes por manter o velho padrão ocidental marcado pela prepotência e arrogância teórica. Como Freud classifica a mulher?

> No mesmo ensaio citado acima, Freud escreve que "a psicanálise não tenta descrever o que é uma mulher — essa seria uma tarefa que dificilmente conseguiria realizar — mas se propõe a investigar como ela surge, como uma mulher se desenvolve a partir de uma criança com uma disposição bissexual" (Freud 1968 [1933], 116). Ao usar o termo "bissexual", Freud se refere a uma qualidade do instinto sexual, não a uma relação com um objeto sexual (que seria denotada pelo termo "inversão"); a criança bissexual é aquela que psiquicamente ainda não é nem homem nem mulher, cuja vida instintiva funciona antes da diferença sexual. Freud aqui retrata a feminilidade como uma trajetória do Complexo de Édipo e indica que a identidade sexual é uma conquista frágil, e não um dado natural ou essência. Ao delimitar o terreno em que se move a análise psicanalítica da diferença sexual e ao enxergar enigmas não resolvidos, até mesmo insolúveis, onde outros poderiam ver a obra da natureza ou da cultura, Freud problematiza qualquer vínculo causal, contínuo ou direto entre sexo, sexualidade e diferença sexual. (Leeb, Claudia and Emily Zakin, 2019, p.1).

Quais são as saídas estratégias elaboradas por Irigaray para que as mulheres atinjam sua diferença sexual e passem a exercer as subjetividades femininas singulares? As escrituras que ao mesmo tempo tronam-se atos de resistências, os exercícios de mimesis em que a mulher aparentemente convivendo e dialogando com o meio masculino não deixa de falar como fêmea, estas são as estratégias de Irigaray em suas divergências para com filósofos e psicanalistas. A noção de intervalo vai aparecendo aos poucos em sua escritura desde os textos de Platão como *A Republica* e o Timeu nos quais encontramos os passos em que justifica suas divergências. Os textos de Freud, também são trazidos para divergir do modo como o psicanalista apresenta o sentido de feminilidade. As mulheres encontram problemas no mundo regido pela subjetividade masculina e pela indiferença sexual a partir dos quais surgem solicitações que as forçam a se reunirem em coletivos; os quais significam atos de resistências contínuos; por isto percebemos cada vez mais aparecerem escritoras em todas as partes do mundo expressando as suas insatisfações. Os a tos de escrituras e de ações mediante da indiferença sexual e do padrão de veiculações do discurso centrado no sujeito epistemológico nos levaram a fazer este trabalho de conclusão de curso. O sujeito do conhecimento que tem seu nascedouro na filosofia moderna mantendo todo o puritanismo desde o platonismo que assegura o dualismo puritano que separa corpo e alma; matéria e espirito, é o alvo das divergências de Luce Irigaray e das feministas contemporâneas.

> Irigaray caracteriza seu próprio projeto como ocorrendo em três etapas: primeiro, a desconstrução do sujeito masculino; segundo, a figuração da possibilidade de um sujeito feminino; e terceiro, a construção de uma intersubjetividade que respeite a diferença sexual (Irigaray 1995a, 96). A diferença sexual, em sua visão, não é um sistema de dominação a ser superado, mas um processo e uma prática cultural a ser alcançados e nutridos; as relações reais de dominação e subordinação que caracterizam a política, a sociedade, a história, a literatura, a linguagem e o direito ocidentais representam, para Irigaray, o reinado da indiferença sexual , a ordem fraterna de irmãos/cidadãos iguais que ignora a autodivisão da natureza, sua diferenciação sexual imanente. Os escritos de Irigaray implicam Freud nessa cultura de indiferença sexual, sendo sua obra um sintoma da metafísica masculina e seu sonho de autoidentidade e autodomínio. Discutirei mais adiante a compreensão de Irigaray sobre a indiferença sexual, após descrever e elucidar seu estilo de escrita (Leeb, Claudia and Emily Zakin, 2019, p.2).

O conceito de mimesis aparece como um meio de Irigaray propagar as elaborações de escritas que trazem modalidades subversivas, no sentido de modificar os modos de existências de suas leitoras e eleitores.

> O estilo de escrita de Irigaray é frequentemente mimético, uma abordagem que ela afirma ter sido "historicamente atribuída ao feminino" (Irigaray 1985b, 76) e, portanto, que ela adota deliberadamente para "tentar recuperar o lugar de sua exploração pelo discurso" (Irigaray 1985b, 76). A escrita de Irigaray não procede de forma proposicional, estabelecendo teses e argumentos de apoio, nem é formulada por meio de explicações lineares convencionais. Isso não significa, é claro, que ela não tire conclusões ou que sua escrita seja desprovida de insights. Mas esses insights são alcançados ao espelhar o texto que está lendo, permitindo que ele manifeste suas tensões e contradições, justapondo, transfigurando e intensificando suas crises e expondo suas parapraxias (seus lapsos textuais e conceituais). Sua escrita é impulsionada pelos caprichos do autor diante dela e faz aparecer, ou desmascara, as forças estruturantes do texto, seus impasses e limites. (Leeb, Claudia and Emily Zakin, 2019, p.2).

As desarticulações promovidas pelas escrituras de Irigaray e das pensadoras que são afetadas pela sua obra ocasionas os aparecimentos de novos de novos modos de subjetivações em que as mulheres passam a cuidar de si e dos outros. Os dados que devemos prestar atenção que os outros não significam somente os seres humanos e sim os mais diferentes tipos de modos de existências humanos e não-humanos em suma os seres vivos e o próprio planeta.

> Essa estratégia de leitura atua sobre a lógica inconsciente de um texto, revelando as fantasias e ansiedades subjacentes do autor, amplificando-as e refletindo-as, e, assim, buscando afrouxar o domínio masculino sobre o simbólico, transmitindo seus postulados implícitos e dialogando a partir de uma perspectiva diferente. Intensamente atenta ao significante, às palavras e aos silêncios dos textos psicanalíticos, ela busca resgatar o corporal na linguagem, algo subjacente aos processos simbólicos de representação, e inventar uma nova linguagem e imaginar novas formas. (Leeb, Claudia and Emily Zakin, 2019, p.2).

A escrita mimética de Irirgaray aparece a partir do intervalo que instaura entre a matéria e forma rompendo assim com a cosmologia aristotélica e platônica. A forma deixa de ser o princípio gerador e a matéria perde a característica de passividade, no intervalo começa a acontecer as gerações insubmissas, o que no nosso modo de compreensão são as justamente as escrituras das pensadoras feministas contemporâneas; neste ponto, temos que dizer que não são somente as pensadoras feministas europeias, mas sim as mulheres que pensam em meios aos mais diferentes povos que habitam o mundo, o cosmos, o planeta, a Terra.

3.3) O intervalo em Irigaray

As rupturas elaboradas por Irigaray consistem em introduzir entre a matéria e a forma um intervalo em que a outra mulher aparece através da imagem que o espelho não consegue refletir. Através de seus escritos promove aparecimento de imagens nunca dantes vistas em

que as mulheres aparecem no espelho escrevendo livros que tocam nos problemas de nosso tempo.

Emanuele Bianchi ao estudar a filosofia de Platão e Aristóteles a partir das suas leituras de Irigaray buscando compreender a noção de intervalo nos forme as relações entre o mestre e o discípulo . As citações a seguirem são para compreendermos como o ensino da filosofia no século XXI não pode deixar de considerar a questão da diferença sexual e da subjetividade feminina. Os excertos que procuramos coloca-los em nosso trabalho são os nossos esforços para afirmarmos o imprescindível trabalho de Luce Irigaray das mulheres pensadoras e escritoras que provem a apropação de sua obra. Vejamos o que nos diz Emanuele Bianchi em seu livro, O Sintoma Feminino: Matéria Aleatória no Cosmos Aristotélico, no capitulo O feminino Errante no Timeu de Platão:

> Os capítulos anteriores objetivaram estabelecer que a oposição mais significativa para compreender a diferença sexual na arquitetura física e metafísica de Aristóteles não é a de forma e matéria, mas sim a entre teleologia e acaso. O telos masculino, como motor principal, é explicitamente identificado como fonte de todo movimento no cosmos aristotélico. No entanto, os movimentos regulares e cíclicos aos quais ele dá origem estão sujeitos, no reino sublunar, a vários desvios, perturbações desordens ao encontrarem os movimentos obscuros da matéria aleatória, uma errância que interpreto como sintomática e feminina. (Biaanchi. 2014,p.1).

Bianchi em suas leituras de Platão e Aristóteles nos potencializa para minimizar nossas dificuldades de pesquisas em torno de Luce Irigaray quanto a diferença sexual e a inserção por parte da autora do intervalo entre matéria e forma. As citações de Bianchi em torno de Platão nos mostram como o ensino da filosofia não pode deixar de levar em conta a obra de Luce Irigaray.

> Em capítulos posteriores, empreendo leituras atentas das explicações de Aristóteles sobre lugar e movimento, traçando os tropos da diferença sexual neles presentes, antes de me voltar finalmente para os temas metafísicos de potencialidade e atualidade, dunamis e energia. Lugar e movimento são noções centrais na física aristotélica, e este capitulo fará um desvio genealógico na cosmologia platônica delineada no Timeu para investigar suas ressonâncias de gênero.

Bianchi em suas excertos escolhidos por nós, não deixa de mostrar-nos os trabalhos das mulheres pensadoras sobre estes temas nos âmbitos da filosofia platônica:

> Em apesar de Platão, Adriana Cavarero observa que ainda há momentos no corpus platônico em que a instituição da metafísica patriarcal ainda está incompleta, ou pelo menos não costurada, e ela "rouba" figuras femininas dos textos de Platão para explorar sua persistência e criar um espaço para as mulheres, encontrando ecos de um momento cultural arcaico, pré-filosófico e pré-patriarcal superado por Platão em seus argumentos e discursos explícitos. No Timeu não há tais mulheres, mas certamente há um "romance familiar" explicitamente de gênero em ação em seu relato da criação: demiurgo e formas na posição paterna, receptáculo/chora como maternal, e a criança que é o mundo do devir(Bianchi.2014,p.1)

Não podemos de deixar de olhar para o nosso tempo de forma no curso de filosofia e olhar paraa o que não ouvimos, tentar falar sobre o que nos foi silenciado, escrever sobre o que sempre foi impedido de ler, escrever sobre os problemas que nos solicita a pensar.

> Para Aristóteles, o movimento é um constituinte fundamental do cosmos: na Física, ele o chama de um "tipo de vida [hoion zõe] para tudo o que é constituído pela natureza". 3 O tipo de movimento que ele tematiza e investiga é aquele que é cognoscível previsível, inteligível em termos de um universo teleológico, e que, como veremos, ele finalmente define em termos de potencialidade e atualidade como a "atualidade do potencialmente existente enquanto existente potencialmente". 4 No entanto, como vimos, também existem outros tipos de movimentos opacos, inexplicáveis e ignóbeis – os da matéria, bia autômato – que carregam uma marca feminina. A ideia de que o movimento – entendido como a vida do cosmos – deve ter duas manifestações muito diferente: uma ordenada, cognoscível e masculina, a outra aleatória, opaca e feminina, não aparece sui generis na filosofia de Aristóteles, mas encontra sua proveniência direta na descrição cosmológica dada por Platão no Timeu (Bianchi.2014,p.1).

As dificuldades para tratarmos destes problemas nos levaram a fazer pesquisas nos textos de Aristóteles, no livro 1 da Geração dos Animais, encontramos as maneiras como o filósofo pensa a relação entre macho e fêmea a partir das técnicas tanto do carpinteiro quanto do oleiro. Nas citações a seguir podemos perceber como o pensamento de Luce Irigaray assinala a questão do intervalo entre matéria e forma:

> É também por isso que a geração do que vem a ser ocorre na fêmea, embora nem o próprio macho nem a fêmea emitam sêmen no macho, mas ambos contribuem para a fêmea com o que deles vem a ser, porque na fêmea está a matéria da qual provém o que é produzido. E é necessário que alguns estejam presentes desde o início, reunidos, dos quais o embrião é composto em primeira instância, enquanto outra matéria deve ser continuamente adicionada para que o embrião possa crescer.391 Assim, é necessário que o nascimento ocorra na mulher. Pois o carpinteiro também está em contato próximo com a madeira, o oleiro com o barro e, em geral, todo trabalho em uma coisa e todo movimento final ocorrem em contato com a matéria – por exemplo, a construção ocorre no que está sendo construído. Pode-se compreender, a partir desses casos, como o homem contribui para a geração. (Aristóteles, 1 22, 730b).

As relações entre mestre e discípulo na filosofia não deixam de serem distantes daquelas entre Freud e Lacan na psicanalise no que dizem respeito alugar mulher. Bianchi nos orienta mediante a seguinte citação:

> Pois nem todo homem emite sêmen e, no caso daqueles que o emitem, não é parte do embrião que se forma, assim como nada provém do carpinteiro para a matéria das peças de madeira com que trabalha, nem há qualquer componente da arte da carpintaria no que está sendo produzido, mas a forma – isto é, a figura – é produzida pelo carpinteiro por meio do movimento na matéria, isto é, em sua alma, na qual a forma está presente, e seu conhecimento científico move suas mãos ou alguma outra parte com um certo tipo de movimento – distinto quando o que dele resulta é distinto, o mesmo quando o que dele resulta é o mesmo – e as mãos movem os instrumentos, e os instrumentos movem a matéria (Aristóteles, 122, 730b).

A cosmologia aristotélica mantem o modelo da relação entre matéria e forma como nas utilizações técnicas entre o artesão que informa a matéria através das causas eficientes e finais:

> Nada provém do carpinteiro para a matéria das peças de madeira com que trabalha, nem há qualquer componente da arte da carpintaria no que está sendo produzido, mas a forma – isto é, a figura – é produzida pelo carpinteiro por meio do movimento

> na matéria, isto é, em sua alma, na qual a forma está presente, e seu conhecimento científico move suas mãos ou alguma outra parte comum certo tipo de movimento - distinto quando o que dele resulta é distinto, o mesmo quando o que dele resulta é o mesmo – e as mãos movem os instrumentos, e os instrumentos movem a matéria. (Aristóteles,122,730b).

As estratégias de Irigaray de escrever por mimesis possuem justamente as divergências para como o modo de Aristóteles pensar a geração dos seres vivos. As nossas pesquisas indicam que jamais vimos tais pontos em nossa formação no curso de filosofia

> Da mesma forma, a natureza presente no macho, naqueles que emitem sêmen, usa o sêmen como instrumento e como possuidor de movimento ativo, assim como nas produções artesanais as ferramentas estão em movimento. Pois o movimento da arte está, de certa forma, nelas. Aquelas então, que emitem sêmen contribuem dessa maneira para a geração. Mas aqueles que não o emitem, onde a fêmea insere alguma parte de si no macho, fazem-no como alguém que leva a matéria ao artesão. Pois, devido à fraqueza desses tipos de machos, sua natureza não é capaz de produzir por outros meios, mas mesmo quando persiste, os movimentos mal têm força suficiente e produzem como modeladores, não como carpinteiros. Pois não é tocando em algo externo que ele cria o que está sendo composto, mas o faz por si mesmo, usando suas próprias partes .(Aristóteles, 730b-731a)

As rupturas elaboradas por Irigaray envolvem a diferença sexual, a subjetividade feminina, a escritura e a posição da mulher no mundo; um devir no mundo enquanto mulher não submissa ao homem. Nesse ponto, ao tratar do intervalo rompe com a cosmologia aristotélica; a partir desse tópico, seguiremos as orientações de Rebeca Hill em seu livro O intervalo: Relação e Devir em Irigaray, Aristóteles e Bergson:

> O conceito de “intervalo” em inglês e em francês (I’intervale) possui sentidos espaciais e temporais, que de forma alguma são discretos. Frequentemente, o intervalo designa uma mera lacuna. Um intervalo é uma quebra entre dois eventos ou ações no tempo, ou, em termos mais amplos, um intervalo é um espaço vazio entre duas coisas. Seja interpretado como espacial ou temporal, presume-se que o intervalo seja calculável e homogêneo. A conceitualização do intervalo como uma lacuna calculável no tempo ou no espaço é precisamente o que contestarei nestas páginas. Em vez disso, sugiro uma figuração heterogênea do intervalo como o limiar

> gerador do espaço e do tempo, como o próprio motor da diferença que precede qualquer designação de identidade e como o lugar da possibilidade da diferença sexual. (Hill 2012,p.13)

A questão como Irigaray elabora este intervalo, nos leva à compreensão da sua escritura tornando-se atos de resistir ao tipo de especulo padrão. O intervalo torna-se, no nosso modo de leitura de seus artigos e livros, a sua própria obra. No entanto, seguiremos o que a pesquisadora Rebeca Hill assinala no livro mencionado acima:

> Refletir sobre as implicações dessa passagem aforística é a principal tarefa deste livro. Trata-se de uma empreitada árdua, pois o intervalo não pode ser definido de forma permanente. Para Irigaray, o intervalo precisa ser concebido como as próprias atrações, tensões e ações entre forma e matéria, e também como o resíduo (reste) que subsiste após cada obra e entre o que já foi identificado e o que ainda precisa ser identificado (IR, 167-68 / E, 15-16). Nesse sentido, qualquer tentativa de definir o intervalo equivaleria a suprimir sua dinâmica específica. Até onde sei, não existe nenhum estudo importante dedicado a analisar as implicações do apelo de Irigaray para repensar o intervalo na Ética.[2] Talvez seja por isso que ela seja frequentemente caracterizada como uma pensadora da subjetividade preocupada sobretudo com a questão de "quem fala?"[3]. Sua crítica à metafísica como falocentrismo argumenta que toda teoria do sujeito foi apropriada pelo masculino (S, 165-82). Mas a descrição crítica de Irigaray parte menos da constatação de "quem fala" e mais de uma consideração cuidadosa do intervalo ou da relação entre a tradição metafísica e a condição que, segundo ela, a filosofia reprimiu. (Hill.). (Hill 2012, p.13).

Os escritos de Irigaray abrem fendas, falhas, no mundo. Em sua obra a mulher deixa de ser invisível e ao mesmo tempo silenciada. A subjetividade feminina e um trabalho indefinido, a partir dos encontros com os problemas que aparecem no tempo, no mundo contemporâneo.

> De acordo com sua conhecida posição, a metafísica ocidental postulou um edifício conceitual isomorficamente congruente com um corpo masculino falocêntrico, enquanto tudo em que na tradição remete ao sexo feminino é denegrido. Obliquantimente, a arquitetura fálica da filosofia depende da negação do materno-feminino. A descrição crítica da metafísica feita por Irigaray preocupa-se em pensar através dessa relação ou intervalo, que secretamente designa o materno-feminino

> como o fundamento sobre o qual a filosofia se ergue como falocentrismo. Um dos meus objetivos é traçar a evolução do seu envolvimento nessa tarefa desde os seus primeiros trabalhos críticos, de Especulum à Ética, onde o intervalo é figurado como a própria abertura à possibilidade da diferença sexual. O apelo de Irigaray para pensar o intervalo na Ética pode ser lido para além da sua crítica ao sujeito como falocêntrico e para além da sua teorização da intersubjetividade sexual. (Hill 2012, P.13).

Em nosso trabalho, procuraremos expressar nossas variações de fôlegos e deixar as escrituras das pensadoras compor nossa respiração.

> Irigaray pensa o intervalo como um limiar aberto. O intervalo pode ser concebido como um lugar de possibilidade da subjetividade e da intersubjetividade; o intervalo também pode ser concebido como um limiar do devir das forças sexuais. Além disso, Uma leitura atenta de Irigaray sugere que o intervalo e a diferença sexual não são substituíveis. De acordo com sua conhecida posição, a metafísica ocidental postulou um edifício conceitual isomorficamente congruente como um corpo masculino falocêntrico, enquanto tudo o que na tradução remete ao sexo feminino é denegrido. Obliquantemente, a arquitetura fálica da filosofia depende da negação do materno-feminino. (Hill 2012, p.13).

As influencias de Irigaray sobre as gerações de pensadoras que aparecerão no futuro serão muito intensas, o que nos faz considerar que novas comunidades de convívios entre as mulheres e o mundo provocarão muitas mudanças; as relações entre as mulheres e suas mães serão completamente diferente daquelas que afirmam que a inveja prevalece; as relações serão de fertilidade e criação de novos ares

> A descrição crítica da metafísica feita por Irigaray preocupa-se em pensar através dessa relação ou intervalo, que secretamente designa o materno-feminino como fundamento sobre o qual a filosofia se ergue como folocêntrico. Um dos meus objetivos é traçar a evolução do seu envolvimento nessa tarefa desde os seus primeiros trabalhos críticos, de Especulum à Ética, onde o intervalo é figurado como a própria abertura à possibilidade da diferença sexual. O apelo de Irigaray para pensar o intervalo na Ética pode ser lido para além da sua crítica ao sujeito como falocêntrico e para além de sua teorização da intersubjetividade sexual. Irigary pensa

> o intervalo como um limiar aberto. O intervalo pode ser concebido como um lugar de possibilidade da subjetividade e da intersubjetividade; o intervalo também pode ser concebido como um limiar do devir das forças sexuais. Além disso, uma leitura atenta de Irigaray sugere que o intervalo e a diferença sexual não são substituíveis. (Hill 2012,p.13).

A noção de intervalo é importante por ser o motivo de Irigaray falar de uma outra mulher que não é aquela que teria o sentido de segundo sexo. O intervalo é inserido entre a matéria e a forma, a outra mulher apareceria afirmando a diferença sexual autônoma e exercendo a subjetividade feminina através de uma escrita atrevida rompendo com o padrão masculino de escrever de modo linear com início, meio e fim. Os estudos dos filósofos sobre o cosmos, sobre o mundo, aparecem pares de contrário, as relações entre o uno e o múltiplo, substancias e acidentes; porém não vemos as discussões sobre de onde fomos gerados. Qual o lugar da mulher na cosmologia? Nestas indagações continuamos a seguir as trilhas traçadas pelas pensadoras contemporâneas em ensino de filosofia.

4. DA DIFERENÇA SEXUAL E DA SUBJETIVIDADE FEMININA

4.1) Há ou não há diferença sexual?

No século XX, encontramos os filósofos que se ocuparam de pensar o problema da diferença; Heidegger pensou a diferença ontológica entre o ser e o ente; Derrida escreveu sobre a escritura e diferença; Deleuze apresentou as relações imprescindíveis entre diferença e repetição. Qual foi a pensadora contemporânea que pensou a diferença de maneira outras esses filósofos? Luce Irigaray pensou a diferença sexual para dizer que não existe diferença sexual; mas sim, indiferença sexual. Há divisão sexual, sobretudo no trabalho assalariado e doméstico. Vejamos Luce Irigaray no primeiro capítulo de seu livro A Ética da Diferença Sexual:

> A diferença sexual é uma das principais questões filosóficas, sendo a principal, da nossa época. Segundo Heidegger, cada época tem uma questão a ser refletida, e apenas uma. Adiferença sexual é provavelmente a questão do nosso tempo que

> poderia ser a nossa "salvação" se a refletíssemos profundamente. Mas, seja na filosofia, na ciência ou na religião, constato que esta questão subjacente ainda chama em vão pela nossa atenção. Pense nisso como uma abordagem em que nos permita verificar as muitas formas que a destruição assume no nosso mundo, para contrariar um niilismo que apenas afirma a inversão ou a proliferação repetitiva dos valores do status quo – quer os chamemos de sociedade de consumo, circularidade do discurso, doenças mais ou menos cancerosas da nossa época, falta de confiabilidade das palavras, o fim da filosofia, desespero religioso ou regressão à religiosidade, imperialismo científico ou técnico que não considera o sujeito vivo. A diferença sexual constituiria o horizonte de mundos mais fecundos do que qualquer outro conhecido até – pelo menos no Ocidente – e sem reduzir a fecundidade à reprodução de corpos e carne. Para os parceiros amorosos, esta seria uma fecundidade de nascimento e regeneração, mas também a produção de uma nova era de pensamento, arte, poesia e linguagem: a criação de uma nova poética. (Irigaray, 1984,p.5).

O nosso trabalho ao apresentar as divergências de Luce Irigaray em relação aos filósofos e psicanalistas nos levou a fazer citação de Freud, Platão e Aristóteles. No entanto, o que Lacan nos diz sobre a mulher? Do mesmo modo como perguntamos se há diferença sexual, também podemos indagar: como Lacan pensa a existência da mulher?

> Contrariamente ao que adianta Freud, é o homem – quero dizer, aquele que se vê macho sem saber o que fazer disto, no que sendo ser falante – que aborda a mulher, que pode crer que aborda; porque, com respeito a isso, as convicções, aquelas de que eu falava da última vez, as cão-vicções, não faltam. Só que, o que ele aborda, e a causa de seu desejo, que eu designei pelo objeto a. Aí está o ato de amor. Fazer o amor, como o nome o indica, é poesia. Mas há um mundo entre a poesia e o ato. O ato de amor, e a perversão polimorta do macho, isto entre os seres falantes. Não há nada de mais coerente, de mais estrito quanto ao discurso freudiano. (Lacan, 1985,p.60).
>
> Tenho ainda meia hora para tentar introduzi-los, se ouso me exprimir assim, a que se passa do lado da mulher. Então, de duas coisas uma – ou o que eu escrevo não tem nenhum sentido, e alias a conclusão do livrinho, e é por isso que eu rogo que vocês se repartem a ele – ou, quando esta função inédita na qual a negação cai sobre o quantificador a ser lido não- todo, isto quer dizer que quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a ser situar na função fálica. E isto o que define a... a O que¿- a mulher justamente, só que A mulher, isto só pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universo. Não há mulher pois – já

> arrisquei o termo, e por que olharia eu para isso duas vezes¿ - por sua essência ela não é toda. (Lacan, 1985,p.60).

Margaret Whitford é uma das pesquisad oras com mais proximidades com a obra de Luce Irigaray, em seu artigo, Luce Irigaray e o Imaginário Feminino: Falando como uma Mulher, assinala os seguintes pontos:

> O presente artigo visa oferecer algumas observações introdutórias, colocando Speculum e Este Sexo no contexto do restante de sua obra. Não se trata tanto de uma análise crítica, mas de um esclarecimento do que entendo serem seus objetivos. Vejo-a, entre outras coisas, como uma teórica da mudança, buscando definir as condições sob as quais a mudança poderia ocorrer. Mesmo isso é, em certa medida, uma interpretação, e não meramente uma glosa, pois, apesar de uma superficial acessibilidade, penso que a sua obra não transmitirá o seu significado de forma mais completa até que tenha sido lida, discutida, questionada e avaliada por muitos de nós. (Whitford, 1985,p.3).

> https://www.radicalphilos ophy.com/wp-content/files_mf/rp43_arti cle1_whitford_irigarayfem ailimaginary.pdf Filosofia Radical 43 (7):3(1986)

As pesquisas filosóficas em torno das pensadoras contemporâneas são por demais escassas, as nossas preocupações em apresentar as produções de Luce Irigaray trazem as oportunidades de afirmarmos como os estudos de filosofia contemporânea não podem ser feitas sem levarmos em consideração as pesquisas em torno do inconsciente e consequentemente do desejo. As pesquisas de Freud e Lacan são imprescindiveis para levarmos adiante o ensino de filosofia, sobretudo ao encontrarmos pensadoras trabalhando as relações entre sujeito e subjetividade as remetendo às estruturas, maquinas e relações de poder. As considerações de Luce Irigaray não deixam de trazer as relações entre homem e mulher a partir das relações de parentesco que se encontram podemos dizer dentro da economia doméstica. A questão da psicanalise e como a sexualidade se constitui em meio à economia domestica e politica. A importância da sexualidade leva-nos em direção à economia libidinal. Os pontos destacados por Irigaray trazem estas tensões entre estas modalidades de

economia. A tese de Irigaray é que não há diferença sexual, sobretudo quando afirma que não existe outro tipo de subjetividade a não ser àquela concermente ao macho. A sua tese em seu livro, Espéculo: a outra mulher, gerou as maiores controvérsias a ponto de ter perdido seu cargo como professora da Universidade de Vincennes e, também a expulsão da Escola Freudiana de Jacques Lacan como já assinalado. Sarah Donovam faz as seguintes pontuações:

> Irigaray argumenta que, desde os tempos antigos, as mães têm sido associadas à natureza e a matéria irracional. Além disso, Irigaray acredita que todas as mulheres foram historicamente associadas ao papel de "mãe" de modo que, seja uma mulher mãe ou não, sua identidade é sempre definida de acordo com esse papel. Isso contrasta como os homens que estão associados à cultura e à subjetividade. As mulheres servem como seu apoio não reconhecido. Em outras palavras, enquanto as mulheres não são consideradas sujeitos plenos, a própria sociedades não poderia funcionar sem suas contribuições. Em última análise, Irigaray afirma que a própria cultura ocidental se baseia no sacrifício primário da mãe e de todas as mulheres por meio dela. (DONOVAN, 2011, p.7).

As pesquisas em filosofia contemporânea apresentam discussões em torno do problema da diferença, entretanto, a nossa autora afirma não existir a diferença sexual, no sentido de duas tendências naturais; na verdade, o que ocorre é submissão a ponto da indiferença sexual encobrir e reprimir a sexualidade feminina a ponto de escraviza-la. Vejamos o que Sarah Donovan sublinha:

> Com base nessa análise, Irigaray diz que a diferença sexual não existe. A verdadeira diferença sexual exigiria que homens e mulheres fossem igualmente capazes de alcançar a subjetividade. Assim, Irigaray acredita que os homens são sujeitos (por exemplo, entidades autoconscientes, iguais a si mesmas) e as mulheres são "o outro" desses sujeitos (por exemplo, o não-subjetivo, matéria de apoio). Existem apenas uma forma de subjetividade na cultura ocidental e é masculina. Embora Irigaray seja influenciada tanto pela teoria psicanalista quanto pela filosofia, ela identifica ambas como discursos influente que excluem as mulheres de uma existência social como sujeitos maduros. Em muitos de seus textos, Irigaray procura desvendar como tanto a teoria quanto a filosofia psicanalitica excluem as mulheres de uma existência social genuína como sujeitos autônomos e as relegam ao reino da matéria inerte, sem vida e sem essência. (DONOVAN, 2011).

O que o corpo da mulher pode? A pergunta é sempre respondida como se fosse normal e natural a mulher parir e servir; O que a filosofia pode em termos de pensar a mulher de outra maneira? Há uma filosofia feminista? Os textos de Irigaray são muitos e em sua maioria não são traduzidos para a língua portuguesa. Nesse sentido, o nosso trabalho caminha a partir de arranjos de textos traduzidos, artigos de comentadoras e entrevistas. O sentido do nosso trabalho é de acompanhar a importância de Luce Irigaray para libertação das mulheres do jugo patriarcal. A nossa questão em estudar o que a autora pensa sobre a diferença sexual e subjetividade feminina vai de encontro às suas divergências principalmente como a filosofia e psicanalise.

> Com essa crítica em vigor, Irigaray sugere como as mulheres podem começar a reconfigurar sua identidade de forma que um sexo não exista às custas do outro. No entanto, ela não está disposta a afirmar definitivamente como deve ser essa nova identidade. Irigaray se abstém de prescrever uma nova identidade porque quer que as mulheres determinem por si mesmas como querem ser definidas. (DONOVAN, 2011,p.7).

A filosofia contemporânea Tamsin Lorraine apresenta considerações em torno da diferença sexual fortemente orientada por suas leituras de Irigaray e, também trazendo aportes às experimentações filosóficas de Deleuze em torno da diferença.

> A obra de Irigaray, da qual derivo a principal inspiração para a forma que meu projeto assume, é um exemplo disso. Irigaray argumenta que a cultura contemporânea é bifurcada por uma divisão sexual do trabalho, na qual o corpo e o "natural" são relegados ao feminismo, enquanto os produtos mais "culturais" e de significado simbólico são relegados ao masculino. Ela argumenta ainda que essa bifurcação tem sérias implicações ética, que levaram a uma vida empobrecida para todos nós e nos incentivaram a criar um suporte simbólico feminino. Tal suporte possibilitaria um dialogo genuíno entre dois tipos de sujeitos. (Tamsin Lorraine, 1999,p.50).

Cornell Universiry Press Ithaca e Londres Copyright©

As formas de diálogos entre as subjetividades feminina e as masculinas parecem por demais utópicas de serem alcançadas, no entanto, em nossas leituras de trabalhos que envolvem a nossa autora nos deparamos com muitas surpresas. Nos encontramos muitos trabalhos recentes que tendem a fazer as ressonâncias das pesquisas de Irigaray com os filósofos contemporâneos.

> A comunicação genuína entre os dois gêneros poderia levar à superação da bifurcação corpo/mente da cultura contemporânea, fomentar práticas de percepção nas quais todos os sujeitos assumissem a responsabilidade pela integração corpo e mente e abrir importantes oportunidades éticas e politicas para um novo modo de vida. Nesse livro, desenvolvo a análise de Irigaray sobre uma economia especular (masculinista) da subjetividade que formenta dualismo divisíveis mente/corpo, e exploro a obra de Irigaray, juntamente com a de Deleuze, para desenvolver uma teoria da subjetividade corporificada que possa oferecer uma alternativa às formas contemporâneas de subjetividade especular. Deleuze argumenta que precisamos incentivar a experimentação com a subjetividade nômade.

4.2 Do pensamento feminino divergente

As pesquisas filosóficas em torno das pensadoras contemporâneas são por demais escassas, as nossas preocupações em apresentar as produções de Luce Irigaray trazem as oportunidades de afirmarmos como os estudos de filosofia contemporânea não podem ser feitos sem levarmos em consideração as pesquisas em torno do inconsciente e consequentemente do desejo. As pesquisas de Freud e Lacan são imprescindíveis para levarmos adiante o ensino de filosofia, sobretudo quando encontramos pensadores trabalhando as relações entre sujeito e subjetividade as remetendo às relações de poder como Foucault. As considerações de Luce Irigaray não deixam de trazer as relações entre homem e mulher a partir das relações de parentesco que se encontram podemos dizer dentro da economia domestica. A questão da psicanalise tem como alvo encontrar como a sexualidade se constitui em meio à economia domestica. A importância da sexualidade nos leva em

direção â economia e a sexualidade da mulher. Os pontos destacados por Irigaray trazem estas tensões entre estas modalidades de economia tanto a da casa quanto a da cidade. Na casa e na cidade, o homem e o sujeito da ação e a mulher se encontra no lugar da passividade. O homem trabalha na cidade e ganha um salário, a mulher trabalha em casa e não ganha um salário e ainda tem que servir ao homem inclusive seu corpo passa a não ser da mulher e sim propriedade do homem, determina o governo da casa. No patriarcado a educação é feita para que o homem mande e a mulher obedeça.

As pensadoras feministas contemporâneas potencializaram seus estudos através de Irigaray trazendo os problemas contemporâneos e contribuindo para que as mulheres entrassem em muito mais divergências para com os filósofos e psicanalistas. As nossas buscas para nos atualizarmos nestes debates encontram no artigo de Mariana Pombo. Do feminino como diferença á multidão de diferenças: feminino, teoria Queer e Subversões das seguintes direções:

> Este artigo pretende apresentar, em primeiro lugar, a teoria feminista de Luce Irigaray e, em segundo, as teorias queer de Judit Butler e de Paul B. Preciado, procurando ressaltar suas críticas à psicanalise e propostas subversivas. Parte-se da hipótese de que essas teorias, por estarem inscritas em momentos históricos diferentes (a de Irigaray, na segunda onda feminista, enquanto a de Butler e Pteciado, na terceira), trazem divergências a serem exploradas, buscando-se, ainda, enfatizar como cada uma contribui no sentido de pensarmos em novas teorias e práticas em psicanalise. (Pombo).

Pombo trata em suas citações de deixar nítido que existiram ondas feministas, a primeira dela se caracterizou por defender os direitos das mulheres e ao mesmo tempo pedir igualdade de tratamentos, a autora reforça a tese de que o trabalho de Irigaray não caminhará na segunda em o movimento feminista aparece o direito da mulher a ser diferente e não igual ao homem, os direitos são exigidos sim, mas não em termos de igualdade e identidade. O tema da diferença sexual aparece como motivo principal das pesquisas de Irigaray sobretudo quando assinala que é preciso falar enquanto e como mulher. As críticas das feministas recaem em direção aos modos como a mulher é pensada pelo movimento psicanalítico. No meio destas diversas ondas de pensamento feminista surgem os femininos psicanalíticos. Sigamos com as citações em torno de Mariana Pombo:

> Em diferentes momentos históricos, críticas também diferentes, certamente influenciadas pelos movimentos sociais de suas épocas, foram e são colocadas â abordagem psicanalítica das questões de gênero e da diferença entre os sexos. São alvo dessas críticas sobretudo as formulações freudianas e lacanianas sobre o feminino, o Édipo e o registro fálico para pensar a sexualidade e diferença.

O afeto de inveja e inoculado como sendo constituinte da posição da mulher mediante o poder patriarcal, o fato a ser discutido pelos movimentos sociais feministas e justamente que nada mudou a psicanalise em relação ao conservadorismo em que a mulher não deixa de ser inviabilizada.

> Essas críticas não são, portanto, uma novidade contemporânea, apesar de muitas vezes serem recebidas com certo espanto em nosso meio psicanalítico. Ao contrário: mesmo no início do século XX, por exemplo, enquanto Freud formulava sua teoria sobre a sexualidade e sobre os destinos do feminino, a autora Karem Horney (1990) já criticava as ideias de masoquismo e de inveja do pênis atribuídas à mulher, explorando as complexidades da experiência da maternidade, cuja satisfação não poderia ser reduzida ao encontro com um falo invejado, e apontado também no homem intensos temores e invejas em relação à mulher, principalmente da sua capacidade de gestar, parir e amamentar um bebê.

O nosso trabalho se insere como efeitos destes movimentos construídos pelas pensadoras feministas as quais trouxeram suas divergências para o século XX e XXI. Não pode deixar de fazer filosofia contemporânea sem levar em conta as contribuições de autoras radicais em suas divergências ao patriarcado,

> Partindo, então, da premissa de que a psicanálise sempre foi criticada por estudiosos de gêneros e, ainda, que o conteúdo dessas críticas é afastado pela época histórica em que são produzidas, pretendo, neste texto, explorar e comparar a teoria feminista de Luce Irigaray, de um lado, e as teorias queer de Judth Butler e paul B. Preciado, de outro, buscando apresentar algumas de suas críticas à psicanálise e de suas propostas subversivas. Também buscarei contextualizar em que fase ou "onda" do movimento feminista as ideias desses autores são elaboradas e como entendo que a inscrição histórica especifica de cada um deles afeta suas inquietações e apostas em relação à psicanalise.

> Enquanto a primeira onda feminista ficou conhecida como “feminismo da igualdade”, por centrar suas reivindicações em igualar os direitos sociais e políticos (cidadania, voto, educação, trabalho) das mulheres aos dos homens, a segunda onda reúne os chamados “feminismos da diferença”, porque, embora não tenha abandonado a luta por igualdade de direitos, também afirma as diferenças das mulheres e enfatiza questões próprias ao feminino (Lago, 2010).
>
> E justamente imersa nos femininos da diferença que a filosofa e psicanalista Luce Irigaray coloca suas críticas ás teorias de Freud e, sobretudo, as de Lacan, denunciando o não lugar atribuído à mulher na psicanalise e positivando o sexo feminino em sua especificidade, propondo, inclusive, uma linguagem, uma síntese feminina, como veremos adiante.
>
> Autonomeando-se como “neofeminista” (Irigaray, 2002), a autora faz questão de se diferenciar do feminismo que chama de igualdade, representado por exemplo, por Simone de Beauvoir. Embora concorda com Beauvoir na denúncia da desvalorização da mulher como “segunda” na ccultura, Irigaray acha que a feminista clássica não considera a questão da mulher como outra, por pretender que a mulher seja igual ao homem e alcance o mesmo status subjetivo que ele, o que implica a abolição da diferença, sem considerar a possibilidade de outra subjetividade que não fosse a do homem.

A tese de Irigaray é que não há diferença sexual, sobretudo quando afirma que não existe outro tipo de subjetividade a não ser àquela concernente ao macho. A sua tese em seu livro, Espículo: a outra mulher, gerou as maiores controvérsias a ponto de até perder seu cargo como professora da Universidade de Vincennes e, também de ter sido expulsada da escola freudiana de Jacques Lacan como já assinalado. Sarah Donovan faz as seguintes pontuações:

> Irigaray argumenta que, desde os tempos antigos, as mães tem sido associadas à natureza e à matéria irracional. Além disso, Irigaray acredita que todas as mulheres forma historicamente associadas ao papel de “mãe” de modo que, seja uma mulher mãe ou não, sua identidade é sempre definida de acordo com esse papel. Isso contrasta com os homens que estão associados à cultura e a subjetividade. Embora excluídas da cultura e da subjetividade, as mulheres servem como seu apoio não reconhecido. Em outras palavras, enquanto as mulheres não são consideradas sujeitos plenos, a própria sociedade não poderia funcionar sem suas contribuições. Em última análise, Irigaray afirma que a própria cultura ocidental se baseia no

> sacrifício primário da mãe e de todas as mulheres por meio dela. (DONOVAN, 2011,P.7).

As discussões apresentadas através de pesquisas em filosofia contemporânea, principalmente em torno do problema da diferença, não assinalam sequer a nossa autora. A sua questão traz um problema pelo qual afirma não existir a diferença sexual, no sentido de duas tendências naturais; na verdade, o que ocorre é a submissão a ponto da indiferença sexual encobrir e reprimir a sexualidade feminina e escraviza-la. Vejamos o que Sarah Donovan Sublinha:

> Com base nessa na análise, Irigaray diz que a diferença sexual não existe. A verdadeira diferença sexual exigiria que homens e mulheres fossem igualmente capazes de alcançar a subjetividade. Assim, Irigaray acredita que os homens são sujeitos (por exemplo, entidades autoconscientes, iguais a si mesmas) e as mulheres são "o outro" desses sujeitos (por exemplo, o não-subjetivo, matéria de apoio). Existem apenas uma forma de subjetividade na cultura ocidental e é masculina. Embora Irigaray seja influenciada tanto pela teoria psicanalítica quanto pela filosofia, ela identifica ambas como discursos influentes que excluem as mulheres de uma existência social como sujeitos maduros. Em muitos de seus textos, Irigaray procura desvendar como tanto a teoria quanto a filosofia psicanalítica excluem as mulheres de uma existência social genuína como sujeitos autônomos e as relegam ao reino da matéria inerte, sem vida e sem essência. (DONOVAN, 2011,P.7).

Tamsy Lorraine apresenta considerações em torno da diferença sexual fortemente orientada por suas leituras de Irigaray e, também, trazendo apontes às experimentações filosóficas de Deleuze em torno da diferença.

> A obra de Irigaray, da qual derivo a principal inspiração para a forma que meu projeto assume, é um exemplo disso. Irigaraya argumenta que a cultura contemporânea é bifurcada por uma divisão sexual do trabalho, na qual o corpo e o "natural" são relegados ao feminino, enquanto os produtos mais "culturais" e de significado simbólico são relegados ao masculino. Ela argumenta ainda que essa bifurcação tem sérias implicações éticas, que levaram a uma vida empobrecida para todos nós e nos incentivaram a criar um suporte simbólico para a subjetividade feminina. Tal suporte possibilitaria um diálogo genuíno entre dois tipos de sujeitos. (Tamsy Lorraine, 1999,p.50).

As formas de diálogos entre as subjetividades feminina e as masculinas parecem por demais utópicas de serem alcançadas, no entanto, em nossas leituras de trabalhos que envolvem a nossa autora nos deparamos com muitas surpresas. Nos encontramos com muitos trabalhos recentes que tendem a fazer as ressonâncias das pesquisas de Irigaray com os filósofos contemporâneos.

> A comunicação genuína entre os dois gêneros poderia levar à superação da bifurcação corpo/mente da cultura contemporânea, fomentar práticas de percepção nas quais todos os sujeitos assumissem a responsabilidade pela integração corpo e mente e abrir importantes oportunidades éticas e politicas para um novo modo de vida. Neste livro, desenvolvo a análise de Irigaray sobre uma economia especular (masculina) da subjetividade que fomenta dualismos divisíveis mente/corpo, e exploro a obra de Irigaray, juntamente com a de Deleuze, para desenvolver uma teoria da subjetividade corporificada que possa oferecer uma alternativa às formas contemporâneas de subjetividade especular. Deleuze argumenta que precisamos incentivar a experimentação com a subjetividade nômade. (Tamsy Lorraine,1999,p.50).

. As perguntas que fazemos soa as seguintes: como os filósofos e psicanalistas conseguiram fazer estas afirmações se todos nós viemos das relações entre um homem e uma mulher? Como as mulheres podem ter outras relações com as suas mães diferentes daquelas que, por exemplo, encontramos em Freud? O pensamento feminino de Irigaray afirma a invenção de outros tipos de mulheres as quais pensam, agem e, sobretudo escrevem rompendo com padrão masculino. As saídas divergentes propostas por Irigaray vai de encontro ao que denomina de mimesis.

4.3 Da subjetividade feminina e do ar

As nossa tentativas de apresentar Luce Irigaray a partir dos problemas que as mulheres encontram na contemporaneidade nos levam a escrever estas linhas em meio às atividades de cuidar da casa, filhos e esposo e ainda ter que defender um trabalho de

conclusão de curso. O objetivo de inicio era trabalhar com a Simone de Beauvoir a partir do livro o Segundo Sexo, em conversa com o orientador em torno do que foi falado na aula de tópicos de filosofia contemporânea sobre Luce Irigaray nos arriscamos nesta tarefa árdua e ousada. O assunto que trataremos nesse tópico dizem respeito ás relações que as mulheres possuem com a Natureza. A questão com os cuidados ambientais implicam naqueles com o corpo, a mente, a casa, a cidade e as relações de convívios com o seres que existem no mundo como plantas, flores e bichos. Os minerais, vegetais e animais fazem parte de nossas relações. A importância de termos água potável e ar puro nos possibilita falar da subjetividade feminina em Irigaray quando assinala em seu livro Através do ser vegetal pontos que até então não encontramos em seus textos iniciais. A subjetividade feminina relacionada com a mimesis e, também como o falar enquanto mulher nos leva em direção a afirmar o seu pensamento divergente em relação aos filósofos e psicanalistas se mantém como mais intensidades e variações. Os problemas contemporâneos como as mudanças climáticas e a decadência dos valores ocidental assim como as visões mais nítidas que estamos vivendo no quase nada. O nillismo ganha o nosso tempo gradativamente. Patrícia MacCormack e Colin Gardner em seu livro Estética Ecologia com Guattari apresenta aspectos da mimesis em Luce Irigaray:

> Para certas filosofas, como Luce Irigary (1985), a proximidade discursiva entre "mulher" e "natureza" proporcionou um campo fértil para a recuperação e reconfiguração de um imaginário feminino heterogêneo, desordenado, fluido e informe, em contraposição a uma economia discursiva proliferada pelo sujeito da metafísica. Irigaray não se preocupa com a inversão ou superação de uma Estética Ecosófica dialética masculino-feminino, pois isso implicaria simplesmente uma inversão de poder. Ela emprega a figuração metonímica de um imaginário ou estilo feminino (através de seu conceito de "parler femme") não para se refletir a mulheres reais e corporificadas e sua relação com a matéria e a linguagem, mas para "romper e modificar" a lei falocrática da subjetividade e da classificação racional, fazendo referência aos comportamentos, prazeres e disposições em relação ao mundo que foram historicamente reprimidos por uma lógica falocêntrica (68). Partindo do pressuposto de que "mulher" foi concebida como um espelho ou um reflexo destinado a reforçar e sustentar uma categoria masculina de subjetividade, seu projeto se baseia no emprego estratégico do excesso que foi excluído pela construção de categorias filosóficas do ser. MacCormack e Gardner

A posição estratégica de Irigaray mediante afirmação da diferença sexual e da subjetividade feminina, ganha em seus textos mais recentes, ao pensar as relações entre as mulheres e a Natureza, as ferramentas miméticas;

> Irigaray adota uma posição estética de mimetismo, na qual o papel feminino é deliberadamente assumido como um meio de transformar (nos termos de Guattari, transversalizar) "uma forma de subordinação em afirmação, e assim, de frustrá-la": Brincar com a mimese é, portanto, para uma mulher, tentar recuperar o lugar de sua exploração pelo discurso, sem se deixar simplesmente reduzir a ele. Significa submeter-se novamente – na medida em que está do lado do "perceptível", da "matéria" – às "ideias", em particular ideias sobre si mesma que são elaboradas em/por uma lógica masculina, de modo a tornar "visível", por um efeito de repetição lúdica, o que deveria permanecer invisível: o encobrimento de uma possível operação do feminino na linguagem. Significa também "desvendar" o fato de que, se as mulheres são tão boas imitadoras, é porque não são simplesmente reabsorvidas nessa função. Elas também permanecem em outros lugares: outro caso da persistência da "matéria". Mas também do "prazer sexual". (76)

As posições de Irigaray acerca da diferença sexual e da subjetividade feminina as quais consistem e coloca uma mulher entre a mentira e a forma ganham visibilidade quando de suas maneiras de escrever. As rupturas a da autora ganham ressonâncias com as de outras escritoras feministas. Irigaray no seu artigo, Este sexo que não é um, faz as seguintes afirmações:

> A sexualidade feminina sempre foi pensada a partir de parâmetros masculina. Assim, a oposição da atividade viril clitoridiana / passividade vaginal feminina, da qual fala Freud – e muitos outros... – como estágios, ou alternativas, do torna-se uma mulher sexualmente "normal", parece exigida em demasia pela prática da sexualidade masculina. Na verdade, o clitóris é concebido como um pênis pequeno e agradável para se masturbar, conquanto a ansiedade da castração não exista (para o menino), e a vagina adquira o seu valor como "abrigo" do sexo masculino, quando a mão interdita deva encontrar um substituto para o prazer. As zonas erógenas da mulher não seriam nunca senão um sexo-clitóris que sucumbe à comparação com o órgão fálico valoroso, ou um buraco-envelope que faz de invólucro e fricciona em volta do pênis no coito: um não-sexo, ou sexo masculino virado sobre si próprio para se auto-afetar. (Irigaray, 2018 p.61).

O espelhamento em que aparece a diferença da mulher, mediante a sua sexualidade e subjetividade, ganha novos sentidos e ações por meio dos trabalhos mais recentes da autora. O seu livro Através do ser vegetal, escrito em conjunto Cultivando e Compartilhando a Vida Entre Todos, uma modalidade de escritura em que aparece a mulher no intervalo tão acentuado pela autora.

> Cada vez mais, nossa maneira de agir, e até mesmo de pensar, baseia-se na aparência, em detrimento da vida. Isso esgota nossa reservas vitais e as da terra, sem nos fornecer novos recursos. O futuro de todo mundo vivo está, portanto, em perigo. E não há dúvidas de que devemos nos preocupar urgentemente com esse perigo e nos empenhar em construir a cultura e nossos sistemas de trocas sobre novas bases. Devemos recomeçar considerando a vida como o único valor universalmente compartilhável e aprender a cultivá-la com a preservação e o florescimento de todos os seres em mente. Devemos, portanto, nos concentrar no que temos em comum e na maneira de salvaguardar esse bem comum. Os elementos – ar, água, terra – são o elemento mais básico com o qual devemos nos preocupar. Mesmo antes de sua intervenção específica na formação de cada ser, eles devem ser levados em conta como condição para a existência da vida e seu ambiente necessário. Receio que a maioria das pessoas nunca tenha pensado em sua composição a partir dos quatro elementos e no fato de que prejudica-los equivale a prejudicar a si mesmas (irigaray).

> Nesse tipo de conceção de relação sexual, do prazer da mulher nada é dito. O seu quinhão seria o da “falta”, da “atrofia” (do sexo) e da “inveja do pênis” como o único sexo reconhecido como valioso. Ela tentaria, portanto, por todos os meios, apropriar-se dele: através do seu amor um tanto servil pelo pai marido suscetível de lhe dar, pelo seu desejo de um filho-pênis preferencialmente menino, pelo acesso aos valores culturais ainda apenas reservados aos homens por direito e, portanto, sempre masculinos, etc. A mulher não viveria o seu desejo senão como expectativa de possuir finalmente um equivalente do sexo masculino (Irigary, 2018,p.62);

O presente capitulo trata das questões mais recentes elaboradas por Irigary em seu livro Através do Ser Vegetal. O mimetismo e a sua experimentação, o seu modo prático de exercer o intervalo como processo abeo e indefinido. O livro é escrito em conjunto com Mader. Neste ponto, podemos dizer que não a diferença sexual e subjetividade feminina produzem sentido.

A mimesis torna-se um exercício de ao mesmo tempo dialogar como homens, escrevendo como os homens, e existindo e falando como mulheres.

> Foi nossa preocupação com o estado atual da natureza e da vida que nos impediu a escrever um livro juntos. Se inicialmente imaginávamos que ele se desenvolveria a partir de diálogos correspondentes ao tema de cada capitulo, rapidamente percebemos que esse plano era ambicioso demais ou ainda inadequado por vários motivos. Nossas abordagens ao problema eram bastante deferentes, e distinguir nossas posições nos níveis teórico, ético e politico, ao mesmo tempo em que tratávamos de nosso objetivo comum, provou ser seria impossível, especialmente considerando que mal nos conhecíamos e morávamos longe um do outro. (irigary &Marder).

> O dilema era desistir do nosso projeto ou inventar outra apresentação para o volume que sugerisse um desenvolvimento rumo a um diálogo futuro. Nossa proposta, então; foi escrever um livro com o texto de Luce e o de Michael apresentados em formato invertido, com a perspectiva de um encontro no meio do volume. Infelizmente, essa solução sugestiva, que inspirou nossa maneira de viabilizar um diálogo, mantendo-nos fiéis às nossas perspectivas, não foi aceita pela editora, principalmente por razões técnicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As nossas conclusões, as quais tendem para nenhum fechamento e sim para mais pesquisas sobre Irigaray, serão endereçadas às relações entre diferença sexual, subjetividade feminina e a escritura. Em nosso modo de compreender é pela escrita que vemos o grau de ousadia e atrevimento da mulher ao deixar na superfície das folhas algo inapreensível pelo patriarcado que ao mesmo tempo o desorienta. As questões trazidas pela escritora Irigaray, no Especulo da outra mulher, sofreram muitas críticas. O que podemos notar é que as críticas não são feitas em relação aos problemas que a questão traz, mas sim mediante ao estilo de escrita que levam os leitores machos a se perderem tentando encontrar o padrão costumeiro.

No início de nosso trabalho apresentamos o propósito de apresentar Luce Irigaray divergindo dos filósofos e psicanalistas e enfatizando as relações entre diferença sexual e subjetividade feminina. Em termos de tentar concluir a pesquisa afirmamos que tais relações podem ser encontradas em sua obra, a qual não lemos todas; porém, trazemos a compreensão de que sua escrita é revolucionária mediante ao que denominamos pensamento contemporâneo. Os relatos que buscamos fazer nestas tentativas de conclusão e que é preciso muito folego para trabalhar estes temas. Nesse sentido, não faremos mais do que seguir afirmando que Luce Irigaray para o curso de graduação em filosofia desde seus semestres iniciais. Em decorrência destes detalhamentos, não apresentaremos nada que não seja relacionado aos verdadeiros problemas enfrentados pelas mulheres na contemporaneidade como por exemplo que ocorre nas instituições de ensino filosofo em que o patriarcado está sempre ditando as suas regras;

As nossas preocupações em tentar concluir nosso trabalho sobre as divergências de Luce Irigaray para com os filósofos e psicanalistas nos levam a discorrer sobre as elaborações da autora principalmente através do que denomina mimesis. O exercício prático da escrita mimética faz com que a autora escreva sobre temas atuais que envolvem as mudanças e catástrofes climáticas. Aparceria com um filosofo que pensa nos moldes clássicos nos faz ver o quanto a sua prática de exercitar a mimesis continua em pleno movimento. O nosso trabalho busca deixar em aberto para que no futuro possamos tratar das pesquisas das pensadoras dos demais continentes as quais enfrentam muitos problemas,

As guerras no século XXI veiculadas assistimos as violências sobre as mulheres, as mães e seus filhos. As escolas de meninas bombardeadas de modo calculados e premeditados para que o materno-feminino, o feminino, aleatório a dita matéria para a prole não vingue. Os infanticídios promovidos pelo patriarcado supremacista capistas lista neoliberal. Luce Irigaray em sua obra juntos as pensadoras feministas e transfeministas apresentam estas discussões cotidianamente como meios de resistir às atrocidades instantâneas veiculadas nas mídias e rede sociais.

REFERÊNCIAS

_____ Timeu PLATÃO. Timeu, Crítias . Tradução, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

_____ Timeu PLATÃO. Timeu, Crítias . Tradução, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

_____Através do Ser vegetal

_____Através do Ser vegetal

_____O Especulo da outra mulher Madrid, Ediciones Akal. S. A. 2007

_____O Especulo da outra mulher Madrid, Ediciones Akal. S. A. 2007

FEMINISMO, TEORIA QUEER E SUBVERSÕES DA PSICANÁLISE Ágora (Rio de Janeiro) v. XXVII, 2024 e284228

FEMINISMO, TEORIA QUEER E SUBVERSÕES DA PSICANÁLISE Ágora (Rio de Janeiro) v. XXVII, 2024 e284228

IRIGARAY, Luce. Speculum. Espéculo de la otra mujer. Madrid: Saltés, 2007.

IRIGARAY, Luce. Speculum. Espéculo de la otra mujer. Madrid: Saltés, 2007.

IRIGARAY,Luce IRIGARAY, Luce. Speculum da outra mulher (Trad. de Speculum de l'autre femme). Paris: Éditions de Minuit, 1974.

IRIGARAY,Luce IRIGARAY, Luce. Speculum da outra mulher (Trad. de Speculum de l'autre femme). Paris: Éditions de Minuit, 1974.

LACAN, Jacques, Seminário XXLacan, Jacques, 1901-1981. o Seminario: Livro 20: mais, ainda / Jacques Lacan;

LACAN, Jacques, Seminário XXLacan, Jacques, 1901-1981. o Seminario: Livro 20: mais, ainda / Jacques Lacan;

Larmagnac-Mathero, Octave Ebtrevista LARMAGNAC-MATHERON, Octave. Entrevista com Luce Irigaray. Philosophy Now , [sl], n. 162, p. 46-49, jun./jul. 2024.

Larmagnac-Mathero, Octave Ebtrevista LARMAGNAC-MATHERON, Octave. Entrevista com Luce Irigaray. Philosophy Now , [sl], n. 162, p. 46-49, jun./jul. 2024.

LORRAINE, Tamsey LORRAINE, Tamsin. Irigaray and Deleuze: Experiments in visceral philosophy. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

LORRAINE, Tamsey LORRAINE, Tamsin. Irigaray and Deleuze: Experiments in visceral philosophy. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

LORRAINE, Tamsin.Irigaray e DeleuzeExperimentos em filosofia visceral. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

LORRAINE, Tamsin.Irigaray e DeleuzeExperimentos em filosofia visceral. Ithaca: Cornell University Press, 1999.

PLATÃO Republica, PLATÃO. Uma República . Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PLATÃO Republica, PLATÃO. Uma República . Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

POMBO, Mariana DO FEMININO COMO DIFERENÇA À MULTIDÃO DE DIFERENÇAS:
POMBO, Mariana DO FEMININO COMO DIFERENÇA À MULTIDÃO DE DIFERENÇAS:

SANTOS. M Maria Alice Barriga Geirinhas d, 2008,p. 10). O sentir sexual da diferença: o legado de Luce Irigaray na nova subjectividade Género e Performance — Textos essenciais Vol. I

SANTOS. M Maria Alice Barriga Geirinhas d, 2008,p. 10). O sentir sexual da diferença: o legado de Luce Irigaray na nova subjectividade Género e Performance — Textos essenciais Vol. I

SEIXAS, Elisa No início «um lugar em forma de caverna ou de útero SEIXAS, Elisa. No início «um lugar em forma de caverna ou de útero» . [Sl: sn], [sd]. Disponível em: www, academia. edu.br Acesso em: 06 abr. 2026.

SEIXAS, Elisa No início «um lugar em forma de caverna ou de útero SEIXAS, Elisa. No início «um lugar em forma de caverna ou de útero» . [Sl: sn], [sd]. Disponível em: www, academia. edu.br Acesso em: 06 abr. 2026.

texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versao brasiteira de M.D. Magno. - 2' ed. - Rio de Janeiro: Jorge

texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versao brasiteira de M.D. Magno. - 2' ed. - Rio de Janeiro: Jorge

WHITFORD Margaret Luce Irigaray and the Female Imaginary: Speaking as a Woman https://www.radicalphilosophy.com/wp-content/files_mf/rp43_article1_whitford_irigarayfemailimaginary.pdf Filosofia Radical 43 (7):3 (1986) ,

WHITFORD Margaret Luce Irigaray and the Female Imaginary: Speaking as a Woman https://www.radicalphilosophy.com/wp-content/files_mf/rp43_article1_whitford_irigarayfemailimaginary.pdf Filosofia Radical 43 (7):3 (1986) ,

WHITFORD MargaretLuce Irigaray e o imaginário feminino: falando como uma mulher https://www.radicalphilosophy.com/wp-content/files_mf/rp43_article1_whitford_irigarayfemailimaginary.pd

WHITFORD MargaretLuce Irigaray e o imaginário feminino: falando como uma mulher https://www.radicalphilosophy.com/wp-content/files_mf/rp43_article1_whitford_irigarayfemailimaginary.pd

Zahar Editor, 1985.

Zahar Editor, 1985.

ZAKIN, Emily e LEEB, Claudia and, Feminismo Psiocanalitico", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2025 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), URL = https://plato.stanford.edu/archives/win2025/entries/feminism-psychoanalysis

ZAKIN, Emily e LEEB, Claudia and, Feminismo Psiocanalitico", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter 2025 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), URL = https://plato.stanford.edu/archives/win2025/entries/feminism-psychoanalysis

ANEXO

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que este Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia/Tese/Dissertação), escrito sob minha orientação, está em versão final, de acordo com as solicitações realizadas pela banca examinadora.

Informo também que procedi à revisão final do texto, constatando que atende às especificações das normas da ABNT para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFCA, no que diz respeito ao conteúdo e à formatação.

Documento assinado digitalmente
gov.br
LUIZ MANOEL LOPES
Data: 23/04/2026 03:19:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Data e local da assinatura eletrônica